

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - PPGE**

**ALINE LIMA DA SILVEIRA LAGE**

**DIÁRIO DE PESQUISA**



**RIO DE JANEIRO  
2016 a 2019**



UFRJ

FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ALINE LIMA DA SILVEIRA LAGE

**DIÁRIO DE PESQUISA DA TESE**

**PROFESSORES SURDOS NA CASA DOS SURDOS: “DEMOROU MUITO, MAS VOLTARAM!”**

Conteúdo complementar da Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientada pela Professora Celeste Azulay Kelman.

**RIO DE JANEIRO  
2016 a 2019**

## RESUMO DA TESE

LAGE, Aline Lima da Silveira. **Professores Surdos na Casa dos Surdos**: “Demorou muito, mas voltaram”. Rio de Janeiro, 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Nesta tese buscamos investigar como ocorreu o ingresso dos professores surdos no quadro efetivo de servidores públicos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e compreender como ocorreu a sua inserção como pessoas surdas. Os objetivos específicos foram: compreender as narrativas dos professores surdos do INES nas quais os mesmos analisaram o seu ingresso no quadro de servidores efetivos; analisar as narrativas de alunos do Colégio de Aplicação (CAp/INES) e de alunos surdos do Departamento de Ensino Superior do INES (DESU), para compreender os prováveis impactos que o ingresso dos professores surdos causou na comunidade acadêmica; investigar a introdução da Libras nos currículos da Educação Básica e Superior do INES; investigar a memória dos encaminhamentos administrativos realizados entre a introdução da Libras nos currículos da Educação Básica e Superior oferecidos pelo INES e o ingresso dos professores surdos no quadro efetivo de servidores. A pesquisa, de cunho qualitativo, está delineada como estudo de caso e fundamentada na Psicologia Histórico-Cultural. Nossa concepção de narrativa se baseia em Benjamin (1987), Cunha (1997), Joutard (2000), Thomson (2000), Vilanova (2000), Bruner (2001) e Grohs (2015). Foram adotados como instrumentos, entrevista narrativa (BAUER & GASKELL, 2002), levantamentos bibliográfico e documental e abordagem de cunho netnográfico (KOZINETTS, 1998; PERLIN & SOUZA, 2015). Apresentamos a versão da História da Educação de Surdos narrada, no século XIX, por Ferdinand Berthier, professor surdo do Instituto de Surdos-Mudos de Paris. Entrevistamos dois professores surdos aposentados do INES e apresentamos seus acervos e documentos, gentilmente compartilhados. Descrevemos o Concurso Público n.º 09/2012, o perfil dos professores surdos de Libras e apresentamos os resultados das entrevistas com quatro desses professores. Entrevistamos ainda dois alunos do CAp/INES e três alunos surdos do DESU. Aproximamos os resultados e as narrativas dos professores do INES e do professor francês, interpretando as Interseções, Lições e Dúvidas. Indagamos como o INES pode ser cada vez mais Casa dos Surdos e, ao mesmo tempo, casa comum, conforme conceituado por Nóvoa (2017).

**Palavras-chave:** Professores surdos; INES; Narrativas; Ferdinand Berthier; Duração.

Acesso para a tese: <https://ppge.educacao.ufrj.br/ppge-teses.html>

## RESUMO EM LIBRAS



<https://youtu.be/vpVO3qccLUk>

Tradutora Intérprete de Libras e Língua Portuguesa: Karine Vieira da Rocha

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Sinônimos para a palavra difícil capturadas do site Sinônimos online	12
Figura 02: Fotos do estúdio doméstico	19
Figura 03: Mudanças organização para estúdio	19
Figura 04: Foto das flores no caminho da casa do primeiro entrevistado	20
Figura 05: Foto da Equipe do GEPeSS no final do II Surdez em Foco, 2016	27
Figura 06: Cartaz do Congresso do INES	27
Figura 07: Fotos da Professora Myrna Monteiro entregando o acervo do Prof. Narciso Paiva para a Prof. Solange Rocha	28
Figura 08: Foto dos cartazes nos muros do INES e servidores em manifestação	30
Figura 09: Foto do Quadro de Trabalho	31
Figura 10: Sinal de vontade	32
Figura 11: Cartazes da exposição de Abraham Palatnik no CCBB-RJ	35
Figura 12: Foto-citação Brecht (1990, p.197)	36
Figura 13: Foto-citação de Mia Couto (2007, p.83)	37
Figura 14: Logo do Grupo Astrofísica, Relatividade e Cosmologia - ARCOS-UFRJ	43
Figura 15: Apresentação do Professor Miguel Quartin Cosmologia, Radiação Cósmica de Fundo e as Origens do Universo	44
Figura 16: Apresentação do Professor Miguel Quartin Resumo da História do Universo	46
Figura 17: Concepção bergsoniana de percepção do tempo (Barreto, 2007)	52
Figura 18: Lembranças acumuladas na memória de uma pessoa em Bergson (Barreto, 2007)	53
Figura 19: Matérias da Revista O Cruzeiro de 1957	55
Figura 20: Fotos com participações do militante Sebastião Orlandi no SINASEFE	61
Figura 21: Sebastião Orlandi na manifestação pela Escola Bilíngue para Surdos	61
Figura 22: Sebastião Orlandi se inscreve e faz sua intervenção na Cinelândia	62
Figura 23: O Professor Sebastião Orlandi fala sobre formação no COINES 2016	62
Figura 24: Sebastião distribui seu bolo de aniversário	63
Figura 25: José Vicente, seu álbum e Sebastião na Biblioteca do INES	63
Figura 26: Caminhada pelo Instituto provocando lembranças	64
Figura 27: Sebastião e José Vicente caminham onde eram as Oficinas Profissionalizantes	64
Figura 28: Sebastião e José Vicente preparam outra surpresa	65
Figura 29: Sumário proposto para a Tese apresentado na Qualificação	64
Figura 30: Livros de outros temas que instigaram durante a pesquisa	69
Figura 31: Foto-citação do livro sobre a atriz Ruth Rocha	70
Figura 32: Foto-citação de Panikkar sobre ser ele pesquisador asiático da Ásia	71
Figura 33: V Seminário Educação Medicalizada em Salvador “Existirmos, a que será que se destina?”	72
Figura 34: Participação de Patrícia Rezende e de Bianca Pontin no V Seminário Educação Medicalizada (2018)	73
Figura 35: Foto da capa do Salvaguarda do surdo-mudo brasileiro	74
Figura 36: Foto da tese e do porta-livro com a arte do Professor José Vicente	79
Figura 37: Cartaz com divulgação da defesa da tese	79
Quadro 1: Parte das Atividades de Greve do INES em 2016	28
Fotos da Defesa da Tese e do Campus Praia Vermelha	82

## Apanhado

<b>Conversa Inicial</b> - explicando este documento	08
<b>Diário de Pesquisa</b> - ou Narrativas <i>com</i> e <i>na</i> Pesquisa (Motivação, saúde mental no doutorado, provocações)	11
<b>Em busca de equilíbrio</b> - sobre saúde, família e inspirações (Meios de produção)	15
<b>Iniciando tudo, campos de encontro</b> (primeiro registro - 13 set. 2016) (Colocando a formação em <i>recapítulos</i> )	17
<b>Preparos...</b> (Avaliação do projeto de tese, gravação do TCLE, primeira entrevista)	18
<b>Quem tira meu sorriso do rosto?</b> (Primeira entrevista)	20
<b>Animada</b> (Início do levantamento documental a partir da primeira entrevista)	20
<b>E por falar em caminhos...</b> Reencontros e aprendizagens em Santo Antônio de Pádua-RJ (Reflexões sobre pesquisar e sobre inclusão)	22
<b>Os caminhos da pesquisa e da vida</b> (Levantamento bibliográfico no INES e relações com participantes)	25
<b>Encontros no II Surdez em Foco</b> (17 e 18 de outubro de 2016) (Sobre diálogos sobre a pesquisa)	25
<b>Um congresso histórico</b> – COINES 2016 (26 a 28 de outubro) (Contato com o acervo do Professor Narciso Emanuel de Oliveira Paiva)	27
<b>Da greve no Instituto</b> - INES no cenário de lutas pelos direitos (Revisão do cronograma da pesquisa)	29
<b>Interpretação e tradução das primeiras entrevistas</b> com professores surdos ativos	31
<b>Sobre rever os procedimentos para a pesquisa</b>	33
<b>Nem sempre as coisas são como a gente pensa</b> - quando somos surpreendidas - ou sobre encanto (Literatura, Continuidade das entrevistas, cooperação e atenção às oportunidades)	37
<b>Provocações dos estudos sobre o Tempo</b> Dos Tempos e das Durações (Versão completa de trecho editado)	43
<b>Quando as dúvidas começam a se transformar em surpresas</b> (Levantamento documental nos acervos particulares e proposta de filme)	55
<b>Entrevistas com estudantes da Educação Básica</b>	56

<b>Sobre pesquisa no acervo e nos bancos de dados</b>	57
<b>Pensando bem, é bom mostrar - ou Nosso pequeno acervo e marcar os rastros - meus colegas aposentados e eu</b>	60
<b>Outro professor surdo me surpreende, mais uma vez</b> (Levantamento bibliográfico e pesquisa em banco de dados)	65
<b>Sobre lidar com a tradução dos textos</b>	67
<b>As aulas de Tópicos Especiais em Ciência e Cultura e(m) Sociedade</b>	67
<b>Das edições da tese</b> (Avaliações da Banca de Qualificação)	68
<b>Afirmção da importância de estarmos abertos e atentos</b> (V seminário, livros não ligados ao tema)	69
<b>Do diálogo com as contribuições dos trabalhos dos colegas do INES</b>	73
<b>Escarafunchar bancos de dados e bibliotecas</b> Salvaguarda do surdo-mudo brasileiro	73
<b>Organização da tese e escolhas difíceis</b>	75
<b>Desfechos</b>	78
<b>Organizar a apresentação - a importância do distanciamento</b> (Identificação de erros)	80
<b>Defesa da tese</b>	80
<b>Referências</b>	84

## Conversa Inicial - explicando este documento

Na tese *Professores surdos na Casa dos Surdos: “Demorou muito, mas voltaram”* investigamos o ingresso desses professores surdos no quadro efetivo de servidores públicos do INES tendo os mesmos como principais interlocutores. A mesma era requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi escrita intencionando não separar os aportes teórico e metodológico dos resultados da pesquisa, delineada como estudo de caso. A estratégia buscou ampliar o diálogo entre o que o campo tem desenvolvido acerca dos temas em tela e os dados e resultados conhecido apenas por mim, pesquisadora responsável.

Utilizamos a entrevista narrativa e afirmamos a narrativa para compreender a inserção de surdos como professores no instituto de surdos brasileiro.

A narrativa privilegia a realidade experienciada pelo informante, porém não tem o papel de copiar o real. Não pode ser julgada como falsa ou verdadeira porque expressa a verdade daquele ponto de vista específico e está inserida num contexto sócio-histórico (Lage, 2019, p. 56-57)

Entrevistamos seis professores surdos, uma professora ouvinte e cinco alunos surdos do INES. Durante a filmagem da versão em Libras do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido cogitei que narrar as experiências da pesquisa poderia ser oportuno para num só tempo: descrever os procedimentos; partilhar como foi exercitar a pesquisa e o próprio doutorado; incluir a narrativa da pesquisadora responsável. Assim foi concebido o Diário de Pesquisa ou Narrativas com e na Pesquisa.

Aposta metodológica - esclarecer ao máximo os procedimentos, em especial por se tratar de pesquisa com pessoas surdas

A versão que foi apresentada para a avaliação da banca de qualificação continha este Diário, no que havia avançado naquele tempo. Sugeriram mudar a forma de apresentar. No início fiquei um pouco desapontada, mas retomada a autocrítica, concordei com a banca e o retirei da tese.

Este diário é conteúdo complementar não obrigatório, independente da avaliação da orientação e da banca para a tese e de acesso aberto.

Não datei os registros. As anotações seguem a progressão do trabalho e receberam títulos independentes, às vezes descritivos, nomeados de forma livre. Por

este motivo o sumário é quase um índice para que eu mesma e quem se interessar saber que temas foram comentados e assim não forçar a leitura do documento integral, mas ir direto ao ponto desejado.

A intensidade dos registros diminuiu após a qualificação; talvez, por motivos óbvios. E praticamente desapareceu na fase final de escrita da tese. Por isso, acredito que serviu mesmo para descrever a pesquisa.



## **Diário de Pesquisa - ou Narrativas *com e na* Pesquisa**

Não sei se posso afirmar que optei pela feitura de uma narrativa. Parece-me mais que precisei buscar apoio na narrativa como uma forma de construir vários possíveis. Ser possível registrar parte do que tenho vivido nas profundas e aparentemente soltas experiências que o doutorado proporciona. Experiências de encontros, mas também de trabalho quase solitário, melhor diria trabalho em estado de solidão. Embora seja um estado de privacidade, mente, corpo e espírito são invadidos, tensionados e excitados por textos escritos no plano do papel ou das telas, escritos no espaço que os sinais (de Libras) preenchem, nos debates com Celeste e minhas colegas, nas canções que uso - eu ouvinte - para me inspirar e organizar minha atenção; pensamentos bem invadidos por pessoas, discursos e acontecimentos.

Narrar não o campo de pesquisa como se fosse algo fora das experiências. Narrar a pesquisa, essa que acontece mesmo antes de começar qualquer atitude, para circunscrever indagações entre regras acadêmicas e legais. Todavia, a pesquisa deixou claro que não havia espaço para o “eu”. Cada narrativa dos surdos, seus rastros deveriam ter total prioridade e tudo o que não fosse imprescindível deveria ser cortado. Criei então este diário para não perder os registros e a possibilidade de partilhar o que aconteceu durante a pesquisa.

Este ato de narrar tem outra intenção, muito ambiciosa, admito, de partilhar apenas um pouco do que pude aqui expressar com outros que vivenciam ou vivenciarão esse doutorar-se. Com ousadia gostaria de ajudar a desnaturalizar, ao menos pôr em questão, o sofrimento e o isolamento como consequências inescapáveis dessa formação. Concordo que enfrentamos uma tarefa muito difícil. Aliás, difícil é palavra para a qual cabem 52 sinônimos (!) segundo o dicionário de sinônimos online<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/dificil/>. Acessado em 07 mar 2017.

**sinônimos.com.br**  
dicionário de sinônimos online

difícil

Sinônimos Dicionário

### Sinônimo de difícil

52 sinônimos de difícil para 8 sentidos da palavra difícil:

Que não é fácil:

- 1 **árido, dificultoso, penoso, fatigante, trabalhoso, laborioso, custoso, moroso, duro, ímprobo.**

Que exige esforço intelectual:

- 2 **intrincado, incompreensível, obscuro, complexo, complicado.**

Que é improvável:

- 3 **duvidoso, incerto, improvável.**

Que não é sociável:

- 4 **intratável, insociável, antipático, desagradável, arisco, dessociável, antissocial.**

Que é constrangedor:

- 5 **embaraçoso, constrangedor, delicado, inconveniente, grave.**

Que é exigente:

- 6 **exigente, seletivo, problemático, severo, inflexível.**

Que oferece obstáculo:

- 7 **impraticável, inacessível, terrível, dramático, arriscado, perigoso.**

Que não tem sorte:

- 8 **atormentador, penoso, crítico, aflitivo, desfavorável, triste, desditoso, desgraçado, infausto, infeliz, mal-azado.**

<< diferimento < diferir < **difícil** > difícil de desenredar >> d

E como não? Mas pensamos no custoso. Tanto no aspecto do indivíduo como política pública é preciso financiamento e envolvimento.

Isso me encanta; ter de olhar e olhar novamente e ver outras coisas antes não vistas, aprender; no entanto, há muitas coisas incompreensíveis. O pior é quando esse sinônimo cabe justo ao que escrevemos; "mas parecia claro..."

Antes a incerteza cuja seta pende para a incompletude, para a humildade da nossa versão. Antes disso do que a fonte duvidosa; o labor extraído de outrem.

Não precisa! Estou convicta que a sociabilidade auxilia o esforço intelectual. Uma sociabilidade limitada, ao menos no meu caso, porém filiada ao brindar a vida, estar em comemorações e também no cinema, nos museus, livrarias, praia, samba; com as "antenas ligadas". Quando a gente sabe - ou acha que sabe - o que procura, o pretendido ou a interrogação ao pretendido pode vir dos lugares mais impensados (Abraham Palatnik que o diga!).

O pior dos sinônimos.

Caracteriza bem o doutorado. Os três últimos lembram mais o doutorado tradicional. Não os vivi na UFRJ. Parte da possibilidade que tive de corresponder a algumas exigências foi ter conseguido afastamento para estudos. Sem isso seria sim problemático. Ainda foi difícil, todavia foi menos "penoso". Tem relação também com os professores que encontrei; exigentes mas comprometidos com nossas pesquisas e estudos.

Caso foquemos o ingresso encaixa bem em várias situações que observei. Colegas dos Institutos federais afirmam que têm muita dificuldade para serem aceitos nos programas de pós-graduação da rede. Alguns dos meus próprios colegas do INES cursaram a pós-graduação em entidades privadas. Havia um programa de bolsas no Instituto que facilitava tal busca.

Situação-limite (LOUZADA; ALVES, 2013)

"Difícil de desenredar" se ajusta bem com *Os desfechos e arremates finais*. Aparece sempre uma fonte nova, algo que podia entrar, sair.

Figura 1: Sinônimos para a palavra *difícil* capturadas do site Sinônimos online

Num artigo breve, Louzada & Alves (2013) lembram o suicídio de um estudante da Universidade de Harvard em 1998; fora o quinto caso ocorrido em dois anos. À época, uma publicação afirmou que "um pós-graduando pode ser muito solitário, especialmente no campo das ciências" (p. 01). Os autores dialogam com Freud e Adorno para sugerir uma forma de apreciar esse problema, situação do estudante e contexto que pode levá-lo ao sofrimento e ao suicídio, pesquisar as vivências sem descartar sua articulação com a dinâmica social. Eles descrevem o quadro das políticas públicas na educação que hoje está ainda mais agravada. Na pesquisa com

mestrando e doutorando de um programa de excelência da área biomédica (Louzada, 2005) foi revelado que “a maioria se queixava de sofrimento ao longo da formação. ‘Angústia’, ‘stress’, ‘preocupação’, ‘ansiedade’, ‘tensão’ eram termos recorrentes nos relatos, aparecendo ora mais ora menos detalhados. Mas de onde viria esse sofrimento?” (p. 05). Os estudantes criticam os critérios de avaliação produtivista (número de *papers*, citações, fator de impacto, entre outros) que caracterizam e compõem o quadro ao qual as instituições estão submetidas. Esses itens estão associados ao processo aos cursos de pós-graduação e estes à dinâmica social, sem considerar o que está sendo debatido no campo científico rumo da ciência. Chamou-me a atenção quando ela comenta que

o quadro é tão dramático que repercute negativamente sobre a capacidade dos estudantes entrevistados em verbalizar a sua experiência. Seria possível falar de uma naturalização dessa forma de organização do trabalho científico? Em que medida essa dificuldade de verbalização não expressa também a dificuldade de entender as engrenagens do mundo social que atuam no campo científico e que, em última análise, levam os jovens pesquisadores ao sofrimento? (Louzada, 2005, p. 06)

Por que sofrimentos e dificuldades consideramos quase que inescapáveis? O que nos levou ao doutorado? Nos impusemos por escolha de carreira? Por exigência das instituições onde trabalhamos? Desejo de estudar? Precisamos da bolsa coagidos pela escassez de trabalho/emprego? Muitas indagações descrevem um quadro geral desfavorável ao que seria o melhor dos mundos: Viver essa experiência em seu pleno estado que seria das melhores condições possíveis. Duvido que alguém consiga, mas estejamos dispostos a lutar por isso.

Nessa narrativa encontrei espaço para contar sobre achados durante a pesquisa os quais não pude aprofundar, embora sejam caminhos interessantes para percorrer, senão por mim mesma em outras pesquisas, por outros pesquisadores.

No final de 2016, na banca de uma livraria *A Utopia* de Tomás Morus me levou para dentro da loja e dela para o *Diário de Trabalho* de Bertolt Brecht (2002).

Diarista compulsivo, Bertolt Brecht (1898-1956) começou cedo a encher páginas e páginas de cadernos com o registro de impressões, fatos, acontecimentos e reflexões relacionados com seu dia-a-dia. Em 1913, aos 15 anos, havia composto seu primeiro *Tagebuch*, cujos manuscritos, encontrados na década de 1980, foram publicados em *fac-símile* pela editora Suhrkamp, em 1989. Dois outros diários, editados na década de 1970, detalham a vida do escritor e dramaturgo alemão: o primeiro, do período de 1920 a 1922, e o segundo, o Diário de trabalho (*Arbeitsjournal*), como passou a ser denominado, que se inicia em julho de 1938 e se estende até julho de 1955.

(...) Diário de trabalho também dá conta das vicissitudes de um longo exílio. Adversário do regime nazista, que se instala na Alemanha após a ascensão de Hitler ao poder, em 1933, Brecht é forçado a se exilar, acompanhado da mulher, a atriz Helene Weigel, e dos filhos, Stefan e Barbara. Primeiro na França e depois na Dinamarca, Suécia e Finlândia, de onde finalmente emigra para os Estados Unidos. Permanece na América até 1947, quando a caça às bruxas, desencadeada pelo macarthismo, rechaça-o de lá. De novo na Europa, os Brecht passam algum tempo na Suíça e, por fim, se estabelecem em Berlim.

É no período compreendido neste primeiro volume (1938-1941) que Brecht planeja e escreve algumas de suas peças mais significativas: *Mãe Coragem e seus filhos*, *Terror e miséria do Terceiro Reich*, *O Sr. Puntilla e seu criado Matti*, e *A alma boa de Se-Tsuan*.

Paralelamente, Brecht nos fala de seus companheiros de exílio, de sua família e do momento político vivido pela Europa. Suas antenas captam o sentido dos movimentos das nações que vão se enfrentar a partir de setembro de 1939, quando tem início oficialmente a Segunda Guerra Mundial, e, embora distante do teatro da luta, seus comentários tocam sempre em pontos fundamentais, tornados claros para quem, como ele, pensa o mundo e a história dialeticamente.

Além disso, a inserção do diarista no tempo que passa é acentuada por uma iconografia montada no calor da hora e constituída de reportagens, crônicas, notícias, manchetes e fotografias recortadas de jornais e revistas e coladas nas laudas entre os textos. Estas características fazem do diário um documento extraordinário do século XX.

A orelha do livro cumpriu o seu papel: seduziu-me para “levar Brecht” comigo e deixou a impressão que optar pela narrativa sobre a pesquisa seria muito interessante. Guardadas as devidas proporções - o fato deste trabalho ser muito modesto e com alcance estratosféricamente menor - recusei o exílio e as culpas impostas aos doutorandos, mas aceito habitar em outros e novos territórios, organizar-me para encarar os novos desafios, pedir apoio. Vou lendo o diário de Brecht buscando inspiração, provocações... pelo menos confirmei a relevância de registrar o cotidiano durante a pesquisa.

No entanto, diferente do *Arbeitsjournal* de Brecht, não cheguei a anotar as datas. A menos que pareça importante não indico o recorte temporal nesta narrativa. Como costume reescrever os trechos, não me pareceu fundamental datar. Teria de datar escrita e reescrita. Narrar e retomar, aprimorar. Então, os relatos estão organizados de acordo com o progresso do trabalho.

Quanto a forma de escrever, algumas vezes estava animada pela situação, após uma nova leitura. Achei por bem não modificar para manter aquela fração de emoção (em especial o primeiro registro em 13 set. 2016). Considerei que podia trazer para a conversa, ou seja, citar alguém ou algo sem escrever, mas capturando a imagem e referenciando quando possível para cumprir com o compromisso de compartilhar os achados.

### **Em busca do equilíbrio - sobre saúde, família e inspirações ou meus *meios de produção***

Em 25.4.41, na Finlândia, Brecht (p. 188) só anotou: “meus meios de produção, charutos e novelas policiais (inglesas), estão acabando e precisam ser racionados.” Já havia iniciado essa seção, porém a alterei para relatar os meios de produção desta pesquisa e do que dependo(emos) para não esmorecer diante da tarefa.

Ficar horas sentada. Tudo isso cobra um preço alto. Em algum momento da minha formação aprendi que havia uma forma de ver a saúde considerando os aspectos ambientais, fisiológicos, psíquicos e espirituais. Questionando a ideia de normalidade, consideremos nossas próprias impressões sobre um equilíbrio possível entre esses aspectos, os sinais que recebemos de quem convive conosco. Muita coisa está além do que podemos fazer. Ficar atenta e curiosa ao que acontece tem ajudado.

Na perspectiva espiritual aproveitei esse tempo de maiores estudos acadêmicos para aprimorar meu caminho no catolicismo e fazer minha Confirmação. A partir desse viés decidi também não trabalhar na pesquisa ou em nenhum outro assunto de ordem financeira aos domingos. Eram dias para me dedicar aos estudos espirituais, visitar a família, cuidar da casa, entrar em contato com a natureza. O que ajudou muito a ter mais tranquilidade para trabalhar; ter um momento de quase distanciamento. Como a pesquisa não tem sido apenas uma tarefa burocrática ou obrigação imposta, vez por outra acontecia algo nesses dias que remetia às reflexões *com* e *na* pesquisa - um programa na televisão, um debate filosófico no YouTube, um filme, uma conversa, um livro; alguns dos quais citados neste diário.

No ambiente de trabalho adoto alguma ordem: coisas no lugar para encontrar quando necessário (aqueles livros, artigos, arquivos, materiais), lista de tarefas, agenda do celular com compromissos salvos na nuvem lembrando prazos.

As ferramentas da internet são muito úteis. Primeiro este Diário, depois as próprias versões para a tese foram escritas no aplicativo de documentos do Google para que pudesse ser salvo, para poder compartilhar com Celeste e outr@s interlocutores em quem podia confiar e editar sem estar conectada na internet. Para ter a chance de modificar independentemente de estar em casa ou em outros equipamentos (sem esquecer que ao final teria de formatar para estar na tese, com atenção para imagens, notas e quadros). Arquivos foram salvos em “nuvens” e versões de artigos e da tese salvos em rascunho, no computador e em pen drive.

Não percebia que nos primeiros semestres quando afirmava que o doutorado era uma “loucura”, que estava ficando “louca”, estava corroborando com a naturalização dos processos de alienação que essa formação tem produzido, conforme nos indicaram Louzada (2005). Muitos pesquisadores sucumbem face às pressões aos quais são submetidos: produtividade medida por índices pouco comprometidos com a partilha de conhecimentos, mas enredados com a disputa por verbas; quando o econômico não se compromete com a vida; do lucro individualizado; falta de apoio dos locais de trabalho para que exista uma dedicação real à pesquisa.

É importante divulgar as pesquisas, buscar aliados. No entanto, existem limites aos quais não devemos ultrapassar. O doutorado exige de todos os envolvidos muito esforço. Exerço o direito de realizar estes estudos licenciada. Este percurso marcado pela formação no Programa de Pós-Graduação da UFRJ se insere numa construção de sentidos. Cada aspecto da vida se entrelaça e possibilita viver de forma mais intensa essa experiência. Não se trata apenas de uma titulação.

Ainda assim, enfatizemos que para a maioria das mulheres há desafios maiores no período do doutorado. Se não tivermos - e não tenho - uma infraestrutura doméstica, as coisas ficam ainda mais difíceis. Manter este trabalho - todos os compromissos -, casa e família é muito difícil. Como não abandonar nenhum deles? Toda ajuda é bem-vinda!

Aprendi no segundo ano desta pós-graduação, que outra forma de naturalizar o produtivismo no doutorado é ceder à exploração de nosso trabalho, obrigar família e amigos esperar esta tarefa passar para merecer mais atenção nossa, outra expressão dessa exploração que só nos faz sofrer. O que passa é o tempo... A relação com o tempo a gente precisa (re)inventar. Então, procuro notar quando há a necessidade de “sair da tarefa” e ir lá conversar sobre a vida; essa mesma vida que alimenta a tarefa. E tem sido assim o “encontro” de novas fontes, ideias e formas de interpretar a

realidade. Agir assim faz fluir melhor o trabalho porque a vida no fim é o que fluiu. Por isso o diário de pesquisa.

Uso a primeira pessoa do singular e outras vezes a primeira pessoa do plural. Aproveito a forma de escrever dos surdos e uso “@” para me referir @s participantes da pesquisa, quando acho pertinente.

### ***Iniciando tudo, campos de encontro (primeiro registro - 13 set. 2016)***

#### ***Ou colocando a formação em recapítulos***

Que alegria começar esse registro! Vivo uma grande e desafiadora realização que começou um pouco antes...

A carreira que abracei e a qual objetivava desde a graduação exige o doutoramento. Embora goste dessa formação, ainda considero que daqui a uns 10 anos poderia fazê-la bem melhor. Com mais questionamentos, mais experiência, mais dúvidas, com maiores possibilidades de contribuir.

Em 2012, eu tentei ingressar num outro programa. Fiz um projeto um pouco confuso, mas não abria mão do que queria; projeto recusado. O que acabou sendo positivo. Em 2014, eu me preparei para ingressar no PPGE da UFRJ.

(2014) Tensão: prova para concorrer a vaga no doutorado. O nome na lista, agora de aprovados é uma sensação fantástica mesmo. Em outras vezes aconteceu: No Liceu (Nilo Peçanha, ensino médio em Niterói), na UFF uma vez, (Psicologia em 1992), duas vezes (Mestrado em Ciência Ambiental em 2001), no concurso para o INES (em 2007). Todas escolas públicas, iniciando no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, em Niterói-RJ.

(2015) Professores dos primeiros encontros... Aula Magna com quem seria o futuro Reitor (Roberto Leher), encontro com Ana Ivenicki, com Celeste (tantas vezes...), com Maria Vitória, com Maria de Fátima (na UFF), com Mônica.

Encontros com minhas colegas, Renata, Mariana, Thabata, Simone, Flávia, Adriana, Eva, Larissa, Rachel, Francine. Companheiros do Grupo de Pesquisa do Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade. Muita coisa dividida.

De encontros vamos nos constituindo. Achando que sabemos quem somos nós, porém, na verdade, sendo os nós em cada encontro. Sou grata pela generosidade dessas pessoas.

(...)

Lembrando outro encontro; com um menino que cresce junto com a pesquisa. Pedro tem um “irmão”/concorrente exigente. Dividir essa atenção com o doutorado deve ser difícil. Ainda mais no quinto ano (EF), onze anos de idade. Com humor mudando, corpo mudando. Que esse encontro faça crescer a ambos.

### **Preparos...**

O Mestrado na UFF, foi bem difícil. Trabalhava em dois lugares; trabalho por RPA (Recibo de Pagamento a Autônomo), sem vínculos, sem direitos trabalhistas. Precisava da titulação o quanto antes para ser professora. Acreditava que não podia sonhar ingressar no Ensino Superior como docente sem o doutorado. Mas o concurso do INES que exigia apenas Mestrado e... desde 2007, sou professora no Departamento de Ensino Superior.

Aproveitar o apoio das professoras foi importante para melhorar o projeto de tese. Os colegas do Seminário de Tese ajudaram muito também. No I Surdez em Foco (2015), tivemos o apoio e a atenção de Cristina Lacerda e Ana Lodi. Na programação interna do evento as orientandas de Celeste apresentam suas pesquisas para dialogar com as conferencistas. As propostas foram ótimas, especialmente redimensionar os objetivos específicos. Foi uma honra recebermos esse apoio de pesquisadoras da área que estão entre nossas referências.

(Chegamos em 2016) Na avaliação do projeto foi avaliado. A banca indagou: “Cadê você aqui no projeto? Ele é neutro assim? Não questiona nada? Ingresso dos professores surdos, e...? A sugestão de Celeste: “escreve já pensando na Comissão de Ética!” foi uma ótima estratégia. Com algumas mudanças, enviamos o projeto para a Plataforma Brasil de pesquisa. Enviamos em julho e foi aprovado.

Antes de pensar em tudo o que era preciso fazer, marquei a entrevista para 13 de setembro. Precisava correr. Levei pedido ao INES no dia 08 de setembro, ainda que a primeira entrevista não precisasse dessa autorização. Porém, faltava fazer a versão em Libras do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Feliz coincidência: a pesquisa começou em setembro, mês Azul! Os surdos comemoram o dia do Surdo, Setembro Azul, inauguração do INES. A pesquisa começou nesta energia! Esperamos que seja dessas energias que convergem para crescer.

Pedi a ajuda de uma amiga para avaliar a Libras, porém não consegui enviar antes de ter de mostrar para primeira pessoa a entrevistar. Como não sei traduzir, ocupei-me de estruturar o texto do TCLE em Libras, a que eu sei, antes de qualquer coisa. Já era dia nove. No entanto, só concluí no dia dez; dezoito horas de trabalho. Depois... Filmar. Onde? No ipad? Não, memória pequena. Da câmera do computador para ir direto ao programa de edição de vídeos. Mas, tinha de preparar todo o espaço...

O quarto virou estúdio. Luminárias de mesa e de pé viraram recurso para filmagem. Canga virou cortina porque o Sol da tarde estava em mim. Nada que uma fita crepe e uma canga não resolvessem...

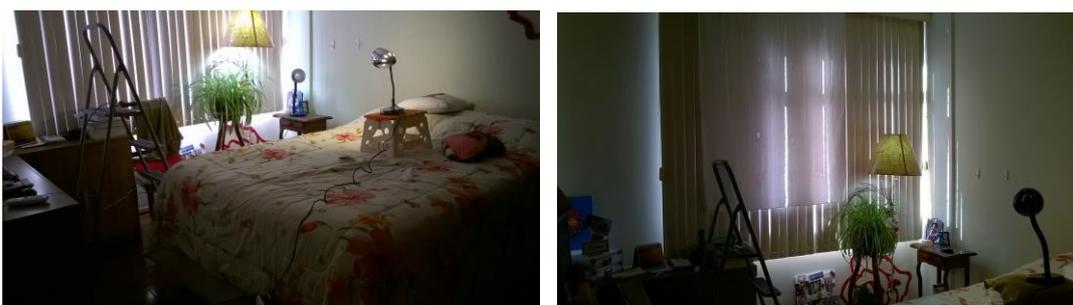


Figura 2: Fotos do estúdio doméstico

A foto acima foi tirada no dia nove para testar posicionamentos de câmera e meu, luzes e texto de apoio.

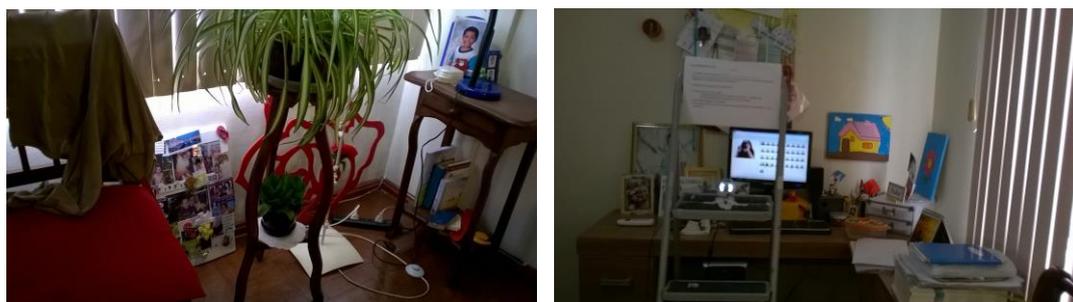


Figura 3: Mudanças organização para estúdio

As crianças saíram da parede. A flor saiu da parede. Escada virou tripé e porta dália. Ainda bem que inventaram mouse sem fio... Já tinha feito edição simples para YouTube e isso me ajudou. Saiu o TCLE em Libras.

Cópias dos documentos em mãos, filmadora, tablet para mostrar o vídeo. Peraí... vamos testar a câmera... nada! Dá um erro... Bem, comprar cartão de memória antes de ir para a casa da pessoa a entrevistar.

Engarrafamento em Niterói. Aviso a primeira pessoa a entrevistar, o professor surdo aposentado: "Bom dia, eu atrasada!" Escrita de surdos. Comprei o cartão; e não

funcionou. O vendedor me indicou uma loja de conserto; e nada feito. Será que não conseguirei?

**Quem tira meu sorriso do rosto? Imagina! Nem a falta de um bom sorvete antes da aula!**

Sem câmera, mas com o tablet fui eu confiante! Vestia azul propositalmente. Na rua, flores!



Figura 4: Foto das flores no caminho da casa do primeiro entrevistado

Pedi perdão pelo atraso, porém expliquei o motivo e fui consolada. A entrevista foi reveladora e exige a busca de documentos além do que havíamos pensado. Saí feliz desse primeiro encontro. Pessoas surdas que têm muito para dizer; tanto a ensinar... Sobre o que não fazer. Sobre sonhos interrompidos. Sobre aceitar condições de trabalho desafiadoras para ousar sobreviver.

Saí feliz! Fui almoçar e no shopping exibia meu sorriso. Pensei que merecia um bom sorvete para comemorar. E nada! Cadê o sorvete? Nada da loja e era tempo de correr para a aula. Pois nem a falta de sorvete tirou o sorriso do rosto! A pesquisa começou para valer! **Foi neste exato momento que cresceu em mim a convicção que precisava registrar, narrar as experiências da e na pesquisa.**

Sete dias depois, fui ao INES registrar a pesquisa. Revi muitos colegas. Confesso que me emocionei ao entrar lá. Lugar cheio de histórias muitas não contadas, outras esquecidas. Mudemos isso!

### ***Animada***

Após o sucesso da entrevista, consegui que uma amiga e referência sobre tradução, avaliasse o vídeo com a versão em Libras do Termo de Consentimento. Ela

concordou comigo que há problemas gramaticais e na filmagem. Expliquei que além de buscar oferecer na língua dos entrevistados a apresentação da pesquisa e os cuidados éticos, gostaria que percebessem meu nível na língua e facilitar com isso nossa comunicação. Ela considerou “satisfatório”. Gratíssimas, Emeli Marques Costa Leite!

Os resultados preliminares dessa primeira entrevista foram excelentes! Percebi que era preciso investigar nos documentos oficiais como se deu a contratação dos profissionais surdos nos anos de 1960 e se possível antes. Esse aspecto da inserção é necessário e indicará um pouco sobre o regime de trabalho e das relações no Instituto. Emeli indicou a leitura de uma dissertação de 1992. A mesma traz relatos instigantes e importantes, pouco conhecidos no INES.

Imagino como deve ter sido difícil para Vânia Reis fazer sua pesquisa nos anos de 1990 e antes desse período. A colega chegou a enviar cartas para instituições do exterior pedindo dados. O trabalho é muito bom e me lançou à busca de outras fontes citadas por ela.

Já estou encontrando muito material que extrapola o objeto que escolhi. Este perigo é excitante. Sair da curva e tangenciar as fronteiras. Tânia Santa-Rita, orientadora no mestrado, frisava que o objetivo da pesquisa precisava estar em nossa mente sempre, como um mantra, como o norte na bússola. Os dados também conduzem a pesquisa, já é parte do resultado.

Quando os temas dos dados encontrados se relacionam com a surdez, sinto que é quase obrigação os incluir no texto. Talvez não representem caminhos que caibam a esta pesquisa percorrer, mas para quem se interessar. Não são caminhos inéditos, porém as picadas que já foram abertas podem se perder se ninguém mais passar por elas! Reforçar as picadas abertas é tão fundamental quanto abrir outras. Essa compreensão só foi possível ao encontrar o primeiro entrevistado e a dissertação de Vânia Reis. Quantas outras narrativas não estão esquecidas nas estantes?

## **E por falar em caminhos... Reencontros e aprendizagens na UFF de Santo Antônio de Pádua-RJ. Seminário Psicologia e Interfaces na Despatologização da Educação**

Nos dias 03 a 05 de outubro de 2016, fui acompanhar os debates sobre medicalização no Instituto da UFF naquela cidade por convite da amiga Fernanda Insfran. Reforçando a insistência em aprender com todas as possibilidades, estive atenta.

Na Conferência *A Patologização dos Processos Educativos no cotidiano de Serviços de Saúde e Escolas*, Adriana Machado, Professora do Instituto de Psicologia da USP (Machado, 2016), dividiu conosco algumas indagações: o quanto nosso discurso corresponde à nossa ação? Estamos atentos ao que produzimos com o que dizemos e fazemos? Temos em mente que qualquer efeito em qualquer relação é de responsabilidade de quem está na relação (o pesquisador, por exemplo)?

Concordei em especial quando ela concluiu que temos produzido alunos e cursos que tendem a interpretar a realidade de forma distanciada como se, ao fazer isso, não provocássemos efeitos. Estamos atentos às críticas que afastam? Eis uma questão pertinente para esta pesquisa.

Adriana descreveu a vida como processo constante de expansão, ou seja, potencialidade de diferenciação. Diferir é mudar de estado. Nesse sentido a expressão “respeitar as diferenças”, muito presente nos debates sobre educação inclusiva e direitos de minorias sociais, é uma farsa que serve para a legislação, porque no encontro com o outro queremos diferir. Educação é necessariamente diferenciação. Vida é expansão. Após essas afirmações nos perguntou: Que tipo de sujeitos estamos produzindo?

Além dessas provocações, Adriana falou sobre a escrita acadêmica. Qual é o sujeito da frase “Segundo fulano...”? [Carapuça apertada... Ainda escrevo assim colocando o fulano como sujeito da frase. Mudar é preciso...] Quem é o sujeito da escrita acadêmica? Quem são os sujeitos na escrita acadêmica? Escrever é uma estratégia de resistência, mas o efeito produzido é, de novo, responsabilidade. Que efeitos pretendemos causar?

Continuou nos provocando ao falar que fazer avaliação é responsabilizar-se com o *como fazer* para mudar a situação. Tem relação com a capacidade de gerar mudanças. Parece que ficamos quase sem saída quando a colega disse: ao

escrevemos “devemos”, “precisamos”, temos como mostrar o que deveria ser feito ou o que precisava ser feito?

Com ajuda dela, dialogamos com Espinoza: “não sabemos o que o corpo pode, então experimentemos<sup>2</sup>.” A experimentação é importante porque amplia nossa capacidade de agir, nossa capacidade de brigar - desde que não signifique impossibilitar os encontros que potencializam a vida. Agir dessa maneira não interpretativa exige estar em experimentação. Como se produz uma questão? Ficamos à espreita atentos, intuindo como acessar os movimentos, tempos, horários?

A Conferência seguiu, porém, esses temas: responsabilidade, diálogo, experimentação, escrita acadêmica, intervenção sobre o real são caros a este empreendimento. Experimentar a pesquisa...

No dia seguinte, 04 de outubro, além dos encontros concernentes ao tema da medicalização e da formação e atuação de psicólogos na região Noroeste do Estado, pude reencontrar Nira Kauffman e Márcia Moraes, responsáveis pela Mesa *A Deficiência em Questão: sobre experiências do não ver e mediação escolar não medicalizante*. A primeira, uma companheira a quem muito admiro, compartilhou sua experiência com a mediação escolar com crianças em situação de inclusão. Assisti à defesa da sua dissertação em agosto deste ano (2016). No entanto, nessa mesa percebi de outro lugar uma indagação que cabe à temática da surdez: o que importa mais ao nosso olhar as barreiras vivenciadas pelos surdos, a patologização, os diagnósticos, as línguas ou os próprios surdos em sua diferenciação?

Nira caracterizou a inclusão como atividade que pretende modificar as nossas práticas e quem sabe, contagiar outras pessoas. As pistas para esse processo partiam dos alunos. Tanto nessa apresentação (Kauffman, 2016) quanto na próxima (Moraes, 2016) a comentar havia o tema da expectativa. Com relação aos alunos em situação de inclusão que contam com um profissional para mediação, há a defesa do desenvolvimento de autonomia. Ou seja, a expectativa de que eles um dia não precisem de mediação e façam sozinhos o que tiverem de fazer.

Portanto, quem medeia teria no horizonte a expectativa de findar essa ligação porque a medida que o aluno amplia as redes de conexão com o meio que o cerca, um dia o profissional (de mediação) não será mais necessário. As conclusões de Nira

---

<sup>2</sup> <https://razaoinadequada.com/2013/08/25/espinosa-o-que-pode-o-corpo/>

indicaram a sensibilidade para compreender a finitude da relação, abrindo espaço para que outros seres vivos e não-vivos se conectem com o aluno.

Aqueles que defendem a autonomia das pessoas surdas na sociedade, de forma geral, concordariam com isso? Em que a autonomia das pessoas surdas implica na possibilidade, por exemplo, de prescindirmos de intérpretes em algumas situações?

Márcia Moraes foi minha professora na graduação (UFF) e tem parcerias com o Instituto Benjamin Constant (IBC). Descreveu sua primeira ação nas aulas de Teatro no setor educacional do IBC. Incrível como nos conhecemos ignorantes no que tange à cegueira, à surdez, enfim à “diversa paisagem corporal” (Moraes, 2016). Esse termo me encantou. Constituiu uma forma importante para fazer referência às subjetividades nas quais a surdez é um traço a destacar. Manterei, todavia, o respeito à auto declaração, pois boa parte da literatura afirma a “diferença surda”.

Aprendi mais coisas com Márcia. Do que partilhou conosco a respeito do trabalho *com* e *no* IBC - que inspirou a denominar este segmento do texto. A importância de fazer *com* - que parece óbvia, mas não é. As respostas construídas nos processos vividos são locais, situadas e encarnadas nas pessoas, nos objetos, nas situações. Importância de estabelecer a relação corpo & deficiência para pensar o que fazemos com os nossos corpos e cujas respostas não são óbvias. Fazer *com* o outro a pesquisa e construir ferramentas para narrar essas histórias locais; apostar na força do local; a deficiência não é algo que a pessoa isoladamente tenha.

Paisagem corporal diversa ≠ deficiência



Ponto de chegada e não de partida  
Corpo singular no cenário adverso e hostil

A narrativa atual sobre deficiência está circunscrita nos indivíduos como lesão no corpo, visão individualizante e patológica. Márcia apontou para a necessidade de amplificar outras narrativas, diferentes dessas, como instrumento de luta. Levar adiante as histórias de subversão às concepções hegemônicas de deficiência.

No último dia falamos em Pádua sobre medicalização relacionada a outras temáticas e não chegamos a tangenciar a surdez. Ainda assim, foi bastante proveitoso porque fiquei avaliando todas essas provocações e o estado atual da pesquisa.

Não por um acaso, as conclusões de Adriana, Nira e Márcia estão em acordo com o que estudamos e com as motivações para a pesquisa. Narrar a educação de

surdos, a docência de pessoas surdas no Instituto voltado para esse público, tem esse caráter de narrar histórias locais, afirmar uma paisagem corporal diversa, questionar práticas, (começando pela minha própria), porém, lembrando da responsabilidade do pesquisador, da experiência na escrita, da potência dos encontros, em possíveis críticas que afirmam a potência. De potência, os colegas *de Pádua* e *em Pádua* têm muito a dizer. Espero fazer jus ao que provocaram.

### **Os caminhos da pesquisa e da vida**

Uma vez que a primeira fonte indicada da biblioteca do INES mostrou-se tão importante, percebi que precisava reconhecer as dissertações e teses lá arquivadas. De fato, materiais muito interessantes, porém ainda não encontrei aqueles que complementassem a abordagem histórica ou narrativas de ex-alunos e professores.

E graças a quem pesquisa os sistemas de dados, hoje podemos selecionar as fontes e enviar a lista por e-mail ou imprimir. Que amanhã seja ainda melhor.

Surpresas agradáveis; sustos também. O professor aposentado com quem gostaria de debater as entrevistas da dissertação de Vânia Reis foi internado em meados de outubro. Fui visitá-lo e encontrava-se bem. Ele tem uma idade avançada e muita vontade de viver “até os 150!”. Amém!

### **Encontros no II Surdez em Foco (17 e 18 de outubro de 2016)**

Nesse, como nos outros, o evento começou para nosso grupo de pesquisa com a apresentação dos nossos projetos para Ana Dorziat, uma das palestrantes – além dela a incrível Cláudia Sofia Pereira, militante surdocega da AHIMSA - Grupo Brasil. Agora, com o projeto aprovado, e em andamento, estava mais calma para apresentar; no entanto, ainda mais atenta. Mostrei os primeiros resultados. Ana Dorziat indagou: “se o currículo é vida e cultura e não só transmissão de conhecimentos, como ainda temos tão poucos surdos atuando na docência? Parece que permanece o tutelamento ouvinte em relação aos surdos!” Na UFPB ainda há instrutor surdo. Ela ainda disse que é preciso empoderar essa categoria profissional, pois são os professores mais próximos das culturas dos alunos. Que é importante a presença dos professores surdos, uma vez que ainda há muita discriminação.

A professora dividiu conosco sua avaliação sobre os AEEs (embora para mim ainda soe como refrão de música baiana - o que me faz ficar mais indignada, pois

aprecio música baiana - significa Atendimento Educacional Especializado). Para ela há uma volta à visão clínica da surdez; todo mundo fala em atender, em diagnóstico. Citou dos Estudos Culturais, seu campo de debates, o conceito de empoderamento contingencial (de um livro organizado por Antonio Flávio Moreira). Mesmo que as subjetividades surdas sejam constituídas, assim como tod@s nós, por aspectos diversos da cultura humana (gênero, classe social, etnia, religiosidade entre tantos) a surdez, as culturas organizadas a partir desta característica, apontam para a relevância de haver professores surdos. A partir deles os surdos mais jovens podem concluir “eu posso chegar lá um dia”. Sendo o “chegar lá” exercer o direito de planejar a sua vida com expectativas no campo educacional, do trabalho em outras áreas.

Empoderamento é um conceito que causa estranhamento e certo desconforto. Os conceitos de Michel Foucault que integram minha formação parecem ser muito diferentes. A ideia de empoderar outrem sugere uma transferência. Os surdos exercitam o seu poder na correlação de forças operadas nos territórios em que habitam. O que um pesquisador, um intelectual engajado, pode fazer para influenciar isso não tem garantias desde o início. Podemos tentar provocar os surdos e ter a chance que esses problematizem como estão exercendo sua força, como percebem as forças que os submetem ou que querem os submeter e mesmo o contrário, suas resistências. Transferir poder aos surdos ou conscientizá-los não são nossa pretensão.

Também estive atenta ao que Ana Dorziat comentou provocada pela apresentação das pesquisas das colegas. Ela falou sobre como o local ressignifica os processos globais, no que tange à política; de encontrar as contradições que aparecem nos dados produzidos no campo; da necessidade do pesquisador colocar-se como autor e pesquisar em colaboração; a importância de se destacar mais o potencial do que dificuldades. Ela e Machado (2016), sobre essa última afirmação, concordaram.

A despeito do que regem as normatizações, o local, as escolas, ressignificam. Dorziat exemplificou com um caso na Paraíba. A pedido dos familiares, alguns alunos frequentam o AEE no mesmo turno das aulas regulares. Poderíamos aproximar esse entendimento do que soubemos pelo primeiro docente entrevistado nesta pesquisa: “Na escola não se podia usar língua de sinais. Então, eu usava nas aulas para conversar com os alunos”. No corredor falavam e faziam leitura labial. Porém seria mais resistência ou ressignificação, no caso dos surdos?



Figura 5: Foto da Equipe do GEPeSS no final do II Surdez em Foco, 2016

Na palestra *Educação de Surdos e Estudos Culturais: um encontro necessário* (Dorziat, 2016), no dia seguinte, Ana Dorziat reafirmou que para estabelecermos a educação que os surdos querem, e pela qual estamos lutando, está em jogo mudar toda a racionalidade do modelo escolar. No modelo clínico, cartesiano e produtivista, a cultura é apenas instrumental, quando muito, transmitida. Nesse cenário mesmo as culturas surdas, na sua avaliação, ficam reduzidas à língua de sinais. “A educação de surdos pode ajudar a desestabilizar a educação conservadora”. Concordo com as duas afirmações.



Figura 6: Cartaz do Congresso do INES

### **Um congresso histórico - 26 a 28 de outubro - o acervo do Professor Narciso Emanuel de Oliveira Paiva**

Em 2016, com muitas reviravoltas e contragolpes na política nacional, o corte de verbas do governo federal ao menos serviu para, finalmente levar para dentro do INES

o Congresso Internacional. O Instituto ficou pleno de vida assim como acontece nos festejos juninos e outras festas prestigiadas pela comunidade de surdos.

Participei da oficina *História da Educação de Surdos: análise de fontes documentais dos séculos XVIII, XIX e XX*, sob a coordenação da Professora Solange Rocha, do Instituto. O objetivo da mesma nos interessava pelo caráter da análise documental, pois pretendeu *contribuir com a pesquisa histórica na área de educação de surdos através do exame de fontes documentais de natureza acadêmica e administrativa contidas no acervo do INES*. Essa atividade constituiu quase que tudo o que pude acompanhar nas três manhãs do Congresso. O resultado foi excelente.

No dia 27, uma das participantes do curso, a Professora do Curso de Letras-Libras da UFRJ, Myrna Monteiro, entregou à coordenadora um envelope com documentos do Professor Narciso Paiva. Ele foi professor numa das oficinas profissionalizantes do INES. No acervo do Professor Narciso havia revistas, documentos do INES e fotos e uma fascinante edição de bolso da Iconografia de Sinais a serem apresentados no capítulo *Dos Professores Surdos Aposentados do INES*.



Figura 7: Fotos da Professora Myrna Monteiro entregando o acervo do Professor Narciso Paiva para a Professora Solange Rocha

A oficina, como esperado, foi muito proveitosa. Solange sugeriu referências. Ao final fomos conhecer parte do acervo histórico na biblioteca. Uma colega da UFES sugeriu a leitura de uma dissertação apresentada neste ano, *Não basta ser surdo para ser professor: as práticas que constituem o ser professor surdo no espaço da inclusão*, de Daniel Carvalho. A mesma me conduziu à localização de mais fontes interessantes

sobre professores surdos e que não foram encontradas no levantamento do início do ano. Excelente resultado!

Na banca de livros do Congresso encontrei o livro *Cenas surdas: os surdos terão lugar no coração do mundo?*, de Renato Dente Luz (2013). A primeira frase do prefácio afirma que ele “é um psicólogo praticante de Libras. Não nasceu sem ouvir, tampouco precisou haver-se com qualquer perda de audição (não tem parentes surdos)”. O objetivo do livro foi saber o que mais importante poderia ser dito sobre as condições éticas ofertadas contemporaneamente para que surdos alcancem “a experiência de realização existencial e a participação plena entre Outros, ou seja, a experiência da aparição”. O autor procurou esse conhecimento a partir das cenas surdas parentais. Além do próprio debate chamou-me a atenção um livro que ele cita nas suas *Introduções* e com o qual inicia a abordagem do conceito de narrativa, *Terra sonâmbula*, de Mia Couto (1998). Cheguei a procurar o livro, mas me distraí com outras coisas.

No dia 04 de novembro fui comunicada que a pesquisa foi autorizada pelos departamentos do INES. Outra ótima notícia, embora o cronograma estivesse atrasado e precisando ser revisto. Solicitei a consulta aos documentos para o caso de não ser possível realizar os procedimentos com os estudantes. Havia também duas entrevistas agendadas.

### **Da greve no Instituto - INES no cenário de lutas pelos direitos fundamentais**

O país vive uma conjuntura política conturbada. Alunos de diferentes segmentos e estados, como forma de luta, ocuparam suas escolas. Em seguida, os trabalhadores da educação reconheceram a necessidade de se unir nesse movimento e diversos segmentos deflagraram greve. O INES integra o Sindicato da Rede Federal de Educação Básica, Técnica e Tecnológica, SINASEFE e iniciou seu movimento em 11 de novembro, tendo como centro denunciar os ataques do governo aos trabalhadores como: Proposta de Emenda Constitucional 55 (PEC 241), Reformas do Ensino Médio, da Previdência e Trabalhista e projetos de Escola Sem Partido.



Figura 8: Foto dos cartazes nos muros do INES e servidores em manifestação

Foi possível acompanhar as ações e alguns debates por meio de correio eletrônico e redes sociais. Os estudantes organizaram uma ocupação pacífica - conforme denominaram.

AGENDA ATIVIDADES DE GREVE DO INES #NÃOAPEC55	
8/11	- Assembleia Geral Extraordinária: Aprova a greve
10/11	- DESU realiza dois fóruns com alunos que deliberam apoio a greve
11/11	- Início de Greve
16/11	- Atividade de greve no DESU: debate sobre a PEC e construção da agenda de atividades
17/11	- Assembleia Geral dos servidores do INES: Aprova a continuidade da greve
21/11	- Fórum do DESU: organização de funcionamento no período de greve
22/11	- Dia da Consciência Negra: filme, mesa redonda, abertura da exposição fotográfica, oficina de jongo, projeção de fotografia
23/11	- Aulão de LIBRAS
24/11	- Assembleia ASSINES: Aprova a continuidade da greve
24/11	- Noite: Oficina Fotografia
25/11	- Participação na manifestação na candelária: Servidores e alunos
*28/11 (seg)* 16h	- Palestra sobre Comunicação não Violenta com a Prof. Ms. Célia Nonato- CPII
18:30	- Palestra sobre Escola sem partido com o Prof. Dr. Roberto Marques – UFRJ
*29/11 (ter)* 10h	- Memória da luta contra a PEC: Construção da linha do tempo com as atividades de Ocupação com Professores do INES
12h	- Abraço ao INES
*30/11 (qua)* 10:30	- Oficina performance artística: Plantando Palavras com Professora Joana- INES.
*01/12 (qui)* 10:30	- Oficina de Mandala com a Professora Júlia – INES
19h	- CineClube: filme e debate com Prof. Dr. Ricardo Janoario
*02/12 (sex)* 10h	- Roda de conversa sobre as Questões de gênero na escola com a Prof. Ms. Tatiane Reis- INES e o Prof. Ms. Alexandre Bortolini- UFRJ
*05/12 (seg)* 9:30	- Oficina para Surdos de leitura de jornais e notícias, sobre a atual conjuntura política e a perda de direitos básicos do cidadão com a Professora Lívia- DEBASI/ INES
14h	- Assembleia Geral dos servidores e alunos do INES.
*06/12 (ter)* 14h	- Exposição fotográfica e roda de conversa sobre Ocupações com Fotógrafa Katia e representantes de Institutos Ocupados
18h	- Oficina de Fotografia com Katia
*07/12 (qua)* 10h	- Palestra sobre Escola sem Partido com o Prof. Dr. Fernando Penna – UFF
14h	- Oficina de Contação de histórias Africanas com Eliana Ribeiro - (20 vagas)
*Atenção: Vagas limitadas, respeitando ordem de chegada.*	
*08/12 (qui)* 9h	- Aulão de LIBRAS para pessoas que *sabem o básico de LIBRAS* com Gabriel, Vânia e Viviane
14h	- Aulão de LIBRAS para *pessoas iniciantes (que não sabem nada)* com Gabriel, Vânia e Viviane

Quadro 1: Parte das Atividades de Greve do INES em 2016

Para respeitar o movimento dos meus colegas servidores e estudantes, interrompi as atividades previstas no Instituto. Realizei apenas a devolução de uma obra da biblioteca.

Uma alternativa era convidar alguns professores surdos para a entrevista individual, que já seria fora da Instituição. Com essa atitude eu consegui realizar duas

entrevistas. Um convite não foi respondido. Entendi que era uma resposta negativa. Ainda assim não deixei de enviar uma nova mensagem agradecendo a atenção e devolvendo minha interpretação.

Também organizei meus arquivos. O cronograma “caiu”; entretanto, mais importante do que os prazos previstos para obedecer a uma exigência da Plataforma Brasil são as atividades previstas. Constatei que teria de mudar meu feitio de trabalhar. Prefiro terminar uma tarefa por vez e, diante das muitas atividades, isso não será possível, atrasaria muito a pesquisa e a escrita da tese. Avaliei, depois de pensar muito, que posso usar a agenda para ir organizando as diferentes frentes de trabalho. Precisava correlacionar: pesquisa; horários de Pedro; melhores momentos para exercícios; horários de rotina doméstica e de preceito. Separei por dia da semana, considerando as demandas pessoais, familiares e de trabalho. O melhor é ficar olhando pra isso. Então...



Figura 9: Foto do Quadro de Trabalho

De certo modo a visualização foi a possibilidade aberta no recurso que chamamos de Mapas de Desdobramento Temático. Embora o nome seja quase pomposo, o princípio é simples. Teve início após a primeira revisão da primeira entrevista. Como os temas que vieram eram muitos, eles se embaralhavam na cabeça; literal isso. Adveio a necessidade de escrever, reconhecendo como se relacionavam e daí que novas fontes precisam ser buscadas; o que aprofundar ou fazer emergir.

### **Interpretação e tradução das primeiras entrevistas com professores surdos ativos**

A transcrição integral não era uma escolha inicial. No entanto, senti no caso dessas entrevistas mais necessidade disso. Não devo usar todas as declarações

como excertos, pois precisei modificar algumas palavras para evitar a identificação das pessoas que participaram.

Precisei colocar em palavras o que era significado com o corpo. Criei uma legenda de cores: amarelo para identificar principais **dúvidas**; laranja para trechos a **modificar e impedir** a fácil identificação; verde para palavras que eu havia escolhido **intencionalmente**, mesmo sabendo que não seria o significado literal; azul para interpretação de **expressões** demonstradas d@s entrevistados que complementavam e muito o sentido do que foi expresso nos parâmetros da língua de sinais.

Um exemplo de **verde**. Uma pessoa disse que antes de se graduar já queria ser docente, então fez o sinal.



Figura 10: Sinal de *vontade*

Mas não era uma “vontade” apenas. A pessoa chegou a mexer os lábios como que falando “vontade”. Era uma vontade que fez com que os dentes superiores marcassem o lábio inferior e fechasse os olhos e corresse a mão inteira pelo pescoço e então, - eis aqui a psicóloga, que usou de licença para mudar a palavra soletrada pela pessoa surda - essa vontade tem outro nome e é desejo.

Um exemplo de **azul**. Ao explicar sua relação com colegas servidores, a pessoa entrevistada afirmou que quando estava com ouvintes, a comunicação fluía diferente, muito diferente **(seus dedos batendo na mesa demonstram aquelas situações nas quais esperamos o tempo passar...entediados)**.

Bem, a transcrição das entrevistas, traduzidas de Libras para Português por mim, foram enviadas aos participantes, espero que não tenha abusado das “licenças”. Apenas uma retornou com mudanças.

## **Sobre rever os procedimentos para a pesquisa (Carnaval de 2017)**

Dois professor@s surd@s não responderam ao convite; entendi que não aceitaram participar. Diante disso, revisei os procedimentos delineados. Pensei na possibilidade de não poder atingir o objetivo inicial de entrevistar seis professores surdos.

Isto provocou a revisão da abordagem do meu objeto. Se eu pretendia estudar a inserção dos professores surdos, ajustei a caracterização desse fenômeno. Percebi que seria interessante descrever o concurso. Iniciei pela publicação da Portaria nº 380, de 3 de maio de 2013, do MEC com a nomeação dos professores surdos concursados. E foi neste momento que me dei conta que, além das entrevistas, há dados públicos sobre os nomeados.

Em 2016, buscando fontes de estudo, encontrei Perlin & Souza (2015), que refletiram sobre os movimentos surdos à causa da educação bilíngue. Elas utilizaram um método denominado netnografia; fui atrás dessa pista.

Acrescentei nos procedimentos da pesquisa o levantamento dos dados públicos dos professores surdos com o intuito de apresentar seus perfis e, um detalhe muito importante no âmbito da surdez, suas fotos. Minhas principais fontes foram a Plataforma Lattes e o Facebook. Na primeira foi possível apresentar a formação.

Os dados do Facebook exigiram cuidados especiais. Nessa rede social, as informações que colocamos ficam na rede de computadores, mas temos a opção de tornar público ou publicar apenas para amigos. Eu mesma tenho alguns dos professores surdos concursados como amigos. Assim sendo, ao contrário dos dados de formação, as postagens no Facebook não têm identificação. Considerei o teor dos comentários mais importantes do que quem os tenha feito, contanto que referidos ao ingresso dos professores surdos no INES. Quem sabe daqui a algum tempo, estando distante do acontecimento, algumas pessoas do campo percebam a sua importância?

Tendo realizado esse levantamento passei a buscar dados sobre o próprio concurso. As etapas, número de inscritos e detalhes sobre o que antecedeu à portaria acima citada.

Depois de ler os comentários, lembrar outras leituras e depoimentos de lideranças dos movimentos sociais surdos, veio uma nova inquietação quanto a realizar um filme como conteúdo complementar à tese: que pretensão eu posso ter de ser a narradora desse momento? Os surdos estão tomando essa providência,

registrar e divulgar o que está acontecendo? Caso sim, quem? Uma colega acionou nosso grupo de pesquisa, GEPeSS, solicitando informações de professores surdos nas universidades. As organizações dos surdos não têm esses dados?

Ainda não tenho dúvidas quanto ao meu lugar: sou pesquisadora na educação de surdos e me considero membro da comunidade, aquilo que denominam “aliados ouvintes”; o que é muito diferente de ser surda. Nessa condição continuei considerando pertinente a pesquisa, o objeto, todavia mudei a minha perspectiva quanto ao projeto do material filmico. Este último eu denominava produto da tese, mas reconsiderarei chamar filme como conteúdo complementar à tese.

Inspirada na minha amiga Helena (Rego Monteiro, 2014), e ancorada no fato que os sujeitos da pesquisa são afeitos às produções visuais, pensei em elaborar um filme. Os sujeitos da pesquisa seriam convidados para elaborar o roteiro cujo objetivo era expor ideias, impressões, avaliações sobre o seu ingresso como professores surdos no INES. Ponderei que a ideia é uma espécie de filha enjeitada do tutelamento, uma atitude egoísta sob o disfarce da boa intenção. Então, decidi concentrar a atenção nos professores aposentados. Divulgar a suas trajetórias e memórias. Os professores ativos receberão a proposta de um registro sobre esse momento do INES como uma demanda.

O que parecia um grande problema, foi a oportunidade de perceber outros contornos do objeto.

Depois enviei mais três convites para a pesquisa. Para minha alegria foram rapidamente respondidos e espero poder realizar as entrevistas em março após o reinado de Momo.

Terminei a leitura do *Diário de Trabalho* de Brecht. Estou procurando o Volume II. Já encontrei na internet, porém confesso que prefiro abrir as folhas, segurar o livro. No sábado de Carnaval encontrei *Poemas 1913-1956* no CCBB do Rio. Neste mesmo dia “encontrei” Palatnik.

E que provocação! Sensorial e epistemológica, ao ler como ele se reinventou nas suas primeiras experiências. Mais uma vez, aparece o quanto é rico o abrir-se, estar atento aos movimentos e questionar o que somos e o que fazemos.

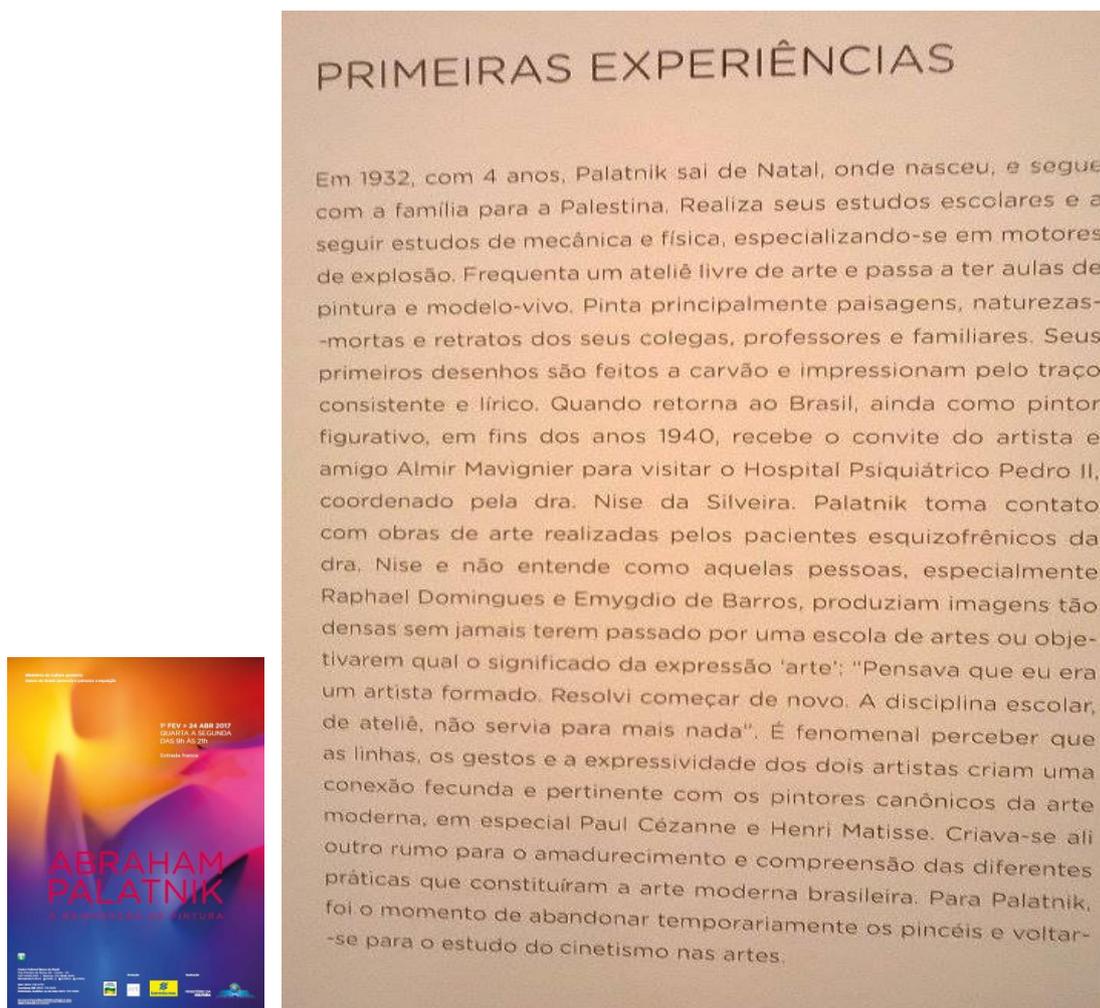


Figura 11: Cartazes da exposição de Abraham Palatnik no CCBB-RJ

Com o final da leitura de Brecht, lembrei que esse não é nosso primeiro contato no meu trabalho. No início desta narrativa comentei, de forma muito breve, meu próprio ingresso no INES. Minha pretensão era chegar até a prova prática/didática no Concurso Público Edital nº 14/2006<sup>3</sup>. Em 18 de dezembro, o ponto da prova sorteado foi *Práticas disciplinares no processo educativo escolar*. A aula foi fundamentada em duas fontes principais: *Vigiar e punir* (Foucault, 1977)<sup>4</sup> e *História social da criança e da família* (Ariès, 1981)<sup>5</sup>. Ao terminar a aula queria algo mais que pudesse afirmar a problematização constante das práticas sociais vigentes e das posturas éticas, estéticas e políticas dos sujeitos envolvidos nos processos educativos escolares. Separei, textos e poemas com os quais já havia trabalhado ou como professora ou

<sup>3</sup>Disponível em: <http://www.vestcon.com.br/ft/conc/1226.pdf>. Acessado em 07 mar 2017.

<sup>4</sup>FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

<sup>5</sup>ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

como estudante. Escolhi um poema de Brecht xerocado. Encerrei a aula com sua leitura. Retomei o contato com o poema, tempos depois e, em 2012, adquiri o livro com a poesia. Para conhecer seu contexto, para agradecer a inspiração, para me encantar pelo artista e pela peça inteira, *A mãe - a vida da revolucionária Pelagea Wlassowa*, escrita em 1931, publicada na Coleção Teatro Completo, volume 4.

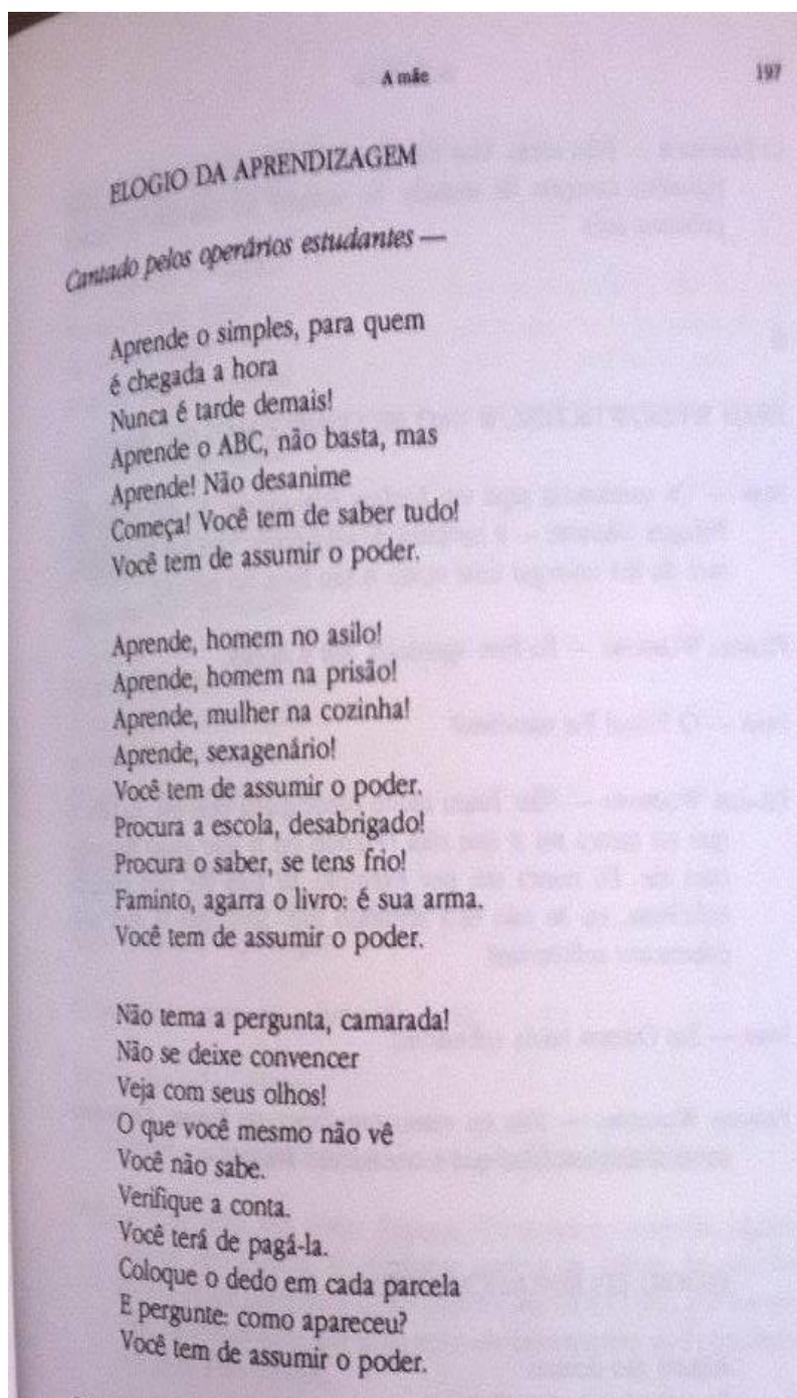


Figura 12: Foto-citação Brecht (1990, p.197)

## Nem sempre as coisas são como a gente pensa - quando somos surpreendidas - ou sobre encanto

Ainda no início do mês, no dia da mulher, consegui um exemplar do *Terra sonâmbula*. Devorei o livro, fui arrebatada de emoção. Livro muito lindo, na linguagem peculiar de Mia Couto (2007). Deu vontade de tentar escrever melhor. Um trecho em especial me remeteu aos surdos, porque dizia respeito à invisibilidade (p. 83)

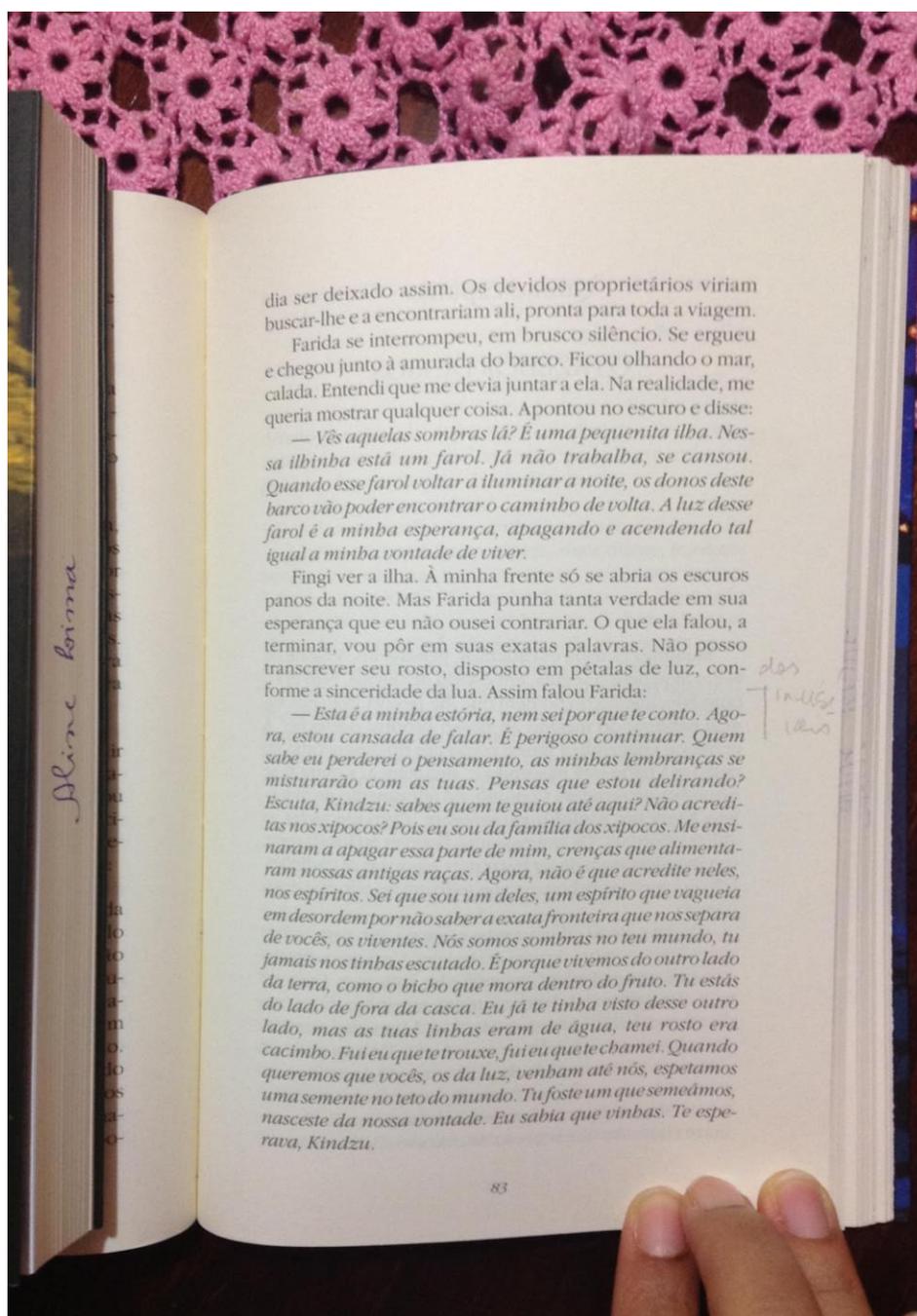


Figura 13: Foto-citação de Mia Couto (2007, p. 83)

Mia Couto, escritor africano, nos desestabiliza com o romance de 1997 no qual nos apresenta Muidinga, Tahir, Kindzu e Farida, entre outros. O pano de fundo são os conflitos da guerra civil moçambicana. O primeiro personagem é um menino marcado pela amnésia e pela esperança de encontrar seus pais. Tahir, seu companheiro de viagem, é um velho sábio que tenta ajudar o pequeno a recapitular sua história e apresentá-lo ao mundo. Na estrada, eles encontraram um ônibus queimado e junto dele um cadáver e um diário em forma de cadernos. Nos seus cadernos Kindzu, narra a sua vida. Acima destacamos o encontro de Muidinga com Farida. Uma personagem que nasceu com uma marca; não foi apresentada à Lua, sinal de desgraça, porque nasceu com uma gêmea. Sua irmã foi desaparecida. E ela mesma teve de viver longe da aldeia com a mãe. Mas, como a desgraça ainda se abateu sobre a aldeia, tiraram-lhe a mãe e assim a “infância de Farida ficou órfã” (p.73). O restante da trajetória mostra uma pessoa que não tem lugar, tornada invisível. Um estado de desolação que me lembrou a trajetória de algumas pessoas surdas. Por exemplo, Kelman & Buzar (2012) perceberam alunos surdos e suas (in)visibilidades na sala de aula inclusiva.

Entrando em março de 2017, faltavam três entrevistas com professores surdos, além de entrevista com estudantes do Colégio de Aplicação e da Graduação. Precisava realizar as primeiras em lugar externo ao INES para manter o sigilo quanto aos participantes da pesquisa. Encontrei outra instituição federal próxima que nos acolheu muito bem e com a qual espero que colegas possam realizar parcerias.

Foram duas entrevistas que trouxeram elementos interessantes para o debate e reencontros importantes no que tange à minha trajetória como servidora no Instituto. Utilizei para a captura das imagens o tablet institucional, que funciona muito bem. Salvei todas as entrevistas como vídeos privados na minha assinatura no YouTube. Dessa forma foi fácil compartilhar a transcrição com os entrevistados para que pudessem fazer suas intervenções.

Para aproveitar o trabalho no campo, agendei as entrevistas com os estudantes Graduação, ou seja, com quem tive o prazer de trabalhar. Nesse caso, pensei em quatro estudantes que ingressaram no INES antes dos professores surdos concursados e que participavam ativamente das aulas. Ao final, foram três entrevistas (uma em dupla e uma individual) porque dois deles tinham compromissos no dia e horário combinados. Era mais importante ter deles a avaliação do impacto provocado pelo ingresso de professores surdos na formação do que realizar o grupo focal.

Aliás, um dos estudantes combinou comigo num sábado, porém não foi possível nos encontrarmos. Fiquei na verdade admirada por ela ter aceitado cruzar a cidade toda no sábado pela manhã para participar da pesquisa. Ao final, ele esquecera do dia combinado. Resolvemos o problema com o envio da sua resposta por um vídeo em mensagem privada no Messenger<sup>6</sup>. Novamente, importava menos o meio do que o alcance dos objetivos da pesquisa. Enquanto isso, a última entrevista com professores ativos que faltava não aconteceu porque apesar de ter aceitado, el@ pediu adiamento e, não respondeu mais.

Ainda no final de março de 2017, estava na sala da Assines - Associação dos Servidores do INES, da qual já fui dirigente - e lembrei que um outro servidor aposentado frequentava sempre assembleias e eventos da associação. Meu primeiro entrevistado aposentado confirmou que era outro professor surdo e seguiu contabilizando os professores das oficinas profissionalizantes ainda vivos. Concluimos que seria importante tentar entrevistá-lo.

Com a ajuda da funcionária da Assines, Michelle Calmon, consegui a presença dele no dia 27 de março. Fiquei apreensiva porque nunca havia conseguido desenvolver uma boa conversação com aquele senhor em Libras. Pedi ajuda do primeiro professor surdo entrevistado.

Na mesma época recebemos, no grupo de pesquisa, GEPeSS, um doutorando de terras lusitanas. Não pude assistir à apresentação da sua pesquisa em nossa reunião, mas ao estabelecer uma conversa por e-mail, ousei convidá-lo para assistir aquele encontro. Talvez, nem mesmo eu pudesse intuir que seria mesmo algo imperdível.

Bruno Mendes, estudante de doutorado da Universidade do Porto, orientando de Orquidea Coelho, de convidado transformou-se em operador de câmera. Percebendo que eu estava um pouco atrapalhada com o equipamento, rapidamente revelou sua experiência com câmeras. Éramos dois professores surdos do INES aposentados, Michelle, Bruno e eu, sendo os dois primeiros e eu enquadrados na filmagem.

Esse depoimento trouxe novos aspectos sobre a docência no INES e mesmo sobre a Revolta que os surdos fizeram em 1950. Em 2009, com colegas do DESU e

---

<sup>6</sup> No site <https://pt-br.messenger.com/> explica-se que o mesmo é um aplicativo oficial do Facebook, que permite conversas de texto naquela rede social. Também é possível enviar e receber mensagens de texto, imagens e vídeos.

depois da leitura do Livro sobre 150 anos do INES, a partir da Assines, constituímos uma pesquisa para investigar a Revolta de 1950 que aconteceu no INES. A equipe era grande: três professores do nosso departamento - Aline Lage, Gil Felix e Maurício Rocha -, duas professoras do Departamento de Educação Básica - Emeli Leite e Sílvia Pedreira - e da LSB vídeos, Nelson Pimenta. Coletamos depoimentos, procuramos alguns dos alunos citados em matérias de jornais. Encontramos alguns documentos legais, mas nenhum vestígio do relatório final da comissão de inquérito que foi designada pelo Ministério da Educação da Época. Não esperava que esse professor, que circulava pelo INES, pudesse trazer à tona esse ponto.

Em alguns momentos tivemos problemas para nos entender. Esse novo entrevistado usa muito datilologia e eu não consigo entender palavras assim escritas. Recorremos ao papel algumas vezes. Em outros momentos meu primeiro entrevistado surdo me ajudava.

A entrevista não foi longa. Bruno observou que estávamos usando algumas línguas de sinais naquele momento, todos procurando uma comunicação efetiva. Ele compreende Língua Gestual Portuguesa e tentava compreender o que meus colegas narravam. O segundo professor afirmou em vários momentos que tinha relatórios e documentos para me mostrar. Finalizamos a entrevista agendando um novo encontro para que pudesse ter acesso a esse material.

Com Bruno, saímos pelo INES reconhecendo o prédio, os setores, revendo muitos colegas e num desses momentos, colegas do Núcleo de Educação Online (NEO) ofereceram a oportunidade de captar imagens desses senhores professores no estúdio profissional do setor.

No dia 30 de março, deveria reencontrar os colegas, porém apenas o meu primeiro entrevistado esteve presente e levou suas fotos e documentos. Cupins, algum tempo atrás, atacaram as memórias. Comeram mais que papel; limitaram um pouco mais as reminiscências de tantas pessoas... Pedi ajuda para que esse professor completasse e corrigisse a transcrição que fiz da nossa entrevista. Levei comigo o livro sobre os 150 anos do INES (Rocha, 2007). Ele ajudou muito, pois ao contrário do que eu havia entendido, foram citados nomes de diretores e outros professores que eu não havia reconhecido.

No dia 05 abril, tentei novamente o reencontro do nosso trio, agora com a promessa da filmagem no estúdio, já agendado e tendo a Michelle como nossa cúmplice e testemunha. Estávamos lá. E que riqueza! Meu segundo entrevistado

trouxe um lindo e rico álbum de fotos. Segurei as lágrimas para não ser piegas, mas que riqueza... Que cuidado! Esse terceiro acervo histórico - repetindo as palavras da colega Solange Rocha - é repleto de fotos - a maioria num lindo álbum -, documentos e a cópia de relatórios docentes que ele entregou aos seus superiores. Patrimônio, tesouro, herança e ouro... Tantos sinônimos de fato não descrevem o que vi. Tratei logo de pedir permissão para copiar algumas imagens: todos os documentos, todo o relatório e fotos. Não ousei retirar as fotos do álbum de seus lugares originais. Com tal zelo foi arrumado que temi danificar alguma folha, algum detalhe. Capturei a imagem usando o equipamento. Que a foto fique distorcida e o acervo intacto.

Senti, ao final do dia, uma grande alegria e enorme cansaço. Se pudesse parar o tempo: não precisar sair dali, não precisar parar para comer (confesso devorei uma quentinha quase com raiva do estômago que teimava se manifestar quando coisas mais importantes aconteciam - coisa aborrecida é ser parado sem querer!), não precisar voltar para casa até sorver tudo aquilo. Começou a me tomar uma urgência de tudo; é urgente registrar tudo!

Perto das 15h, fomos ao estúdio. Quase que ao mesmo tempo, saíram os funcionários que operam a câmera... Foi um leve descuido de todos nós que, no entanto, trouxe outra oportunidade.

Com o álbum conosco, uma colega do NEO, Tania Chaloub, se encantou. Ficamos de agendar outra data. Estava com o tablet que filma muito bem. Propus então, que os dois professores passeassem pelo Instituto revisitando lugares, pessoas, funções, histórias e assim fizemos. Aquela urgência me abatia. Filmei trechos curtos; trechos preciosos que usarei depois. Algumas dúvidas da entrevista do dia 27 foram dissolvidas nesse passeio. No terceiro andar, nos encontramos com um grupo que estava conhecendo o Instituto e iniciando o Curso de Libras. Um dos professores parou para falar com todas, como sempre. Informei às alunas que eles eram professores surdos do INES. Uma delas resolveu não seguir com o grupo e conversar com eles. Notamos que está iniciando o conhecimento de Libras. Ela agradeceu a eles o trabalho. Disse que tem uma filha surda e que quando ela nasceu a equipe médica disse que ela poderia aprender Libras mais tarde e que hoje ela percebe o erro. Ela está procurando aprender a língua para ajudar mais a filha.

Passeio pela história. É o tempo. Tempo das experiências deles. Do peso que cada molécula incide nos seus corpos, antigos andantes neste mundo. Tempo da minha busca. Tempo que escoa e se estica. Naquele dia dormi feliz e cansada. A

cabeça no nosso próximo encontro. As entidades celestes, do Cosmo e da Terra, precisavam saber o que aconteceu. Bom saber que não era apenas eu a pesquisadora animada.

Quando eu fui organizar as imagens dos documentos do segundo professor, percebi entre eles uma documentação da Coordenação de Recursos Humanos do Instituto. Tirei ainda dúvidas com ele mesmo, expliquei o que estranhei e encaminhei a questão para a atual diretoria da Assines. Depois iniciei a intermediação com a nossa assessoria jurídica. A orientação dos servidores é delicada. O professor me explicou que não consegue se comunicar diretamente com nossos colegas naquela coordenação.

Entendi que, diante de tamanha exuberância de registros, memórias e reminiscências, os nomes desses “participantes” não podiam permanecer oculto. Ocultar seus nomes seria como compactuar com os processos de invisibilização das pessoas surdas. No dia seguinte, liguei para o Comitê de Ética, às 12h27min. e fui orientada quanto à modificação da proposta inicial e identificar os professores surdos aposentados. Também me orientaram acerca do uso de imagens compartilhadas nas redes sociais da internet: omitir autoria de comentários e perfil de quem postou a foto.

Agora, escrevendo, revendo esses momentos, não sei bem sob que perspectiva olhar. Os colegas aposentados, Sebastião Orlandi (primeiro entrevistado) e José Vicente de Campos, aceitaram participar da pesquisa que provoquei. De cá indago se não fui eu quem se intrometeu a participar um pouco dessa caminhada deles.

No Domingo de Ramos, segui o hábito de procurar documentários na televisão. Topei com um de Física, *Além do Cosmos*, do National Geographic. Primeiro episódio, da primeira temporada sobre *O Tempo*. Remeteu-me às aulas da disciplina interdisciplinar Tópicos Especiais em Ciência e Cultura e(m) Sociedade - UFRJ - 2017.1 que tenho feito (citada com maiores detalhes a frente).

A primeira apresentação da primeira aula foi reveladora, a Origem do Universo. Concebi que não poderei abordar a vivência desses colegas aposentados considerando o tempo apenas na perspectiva dos historiadores. Para usar um termo comum nos dias atuais: o que deveria ser um breve descanso, virou algo que “explodiu a minha cabeça”.

Busquei fontes sobre essa abordagem do tempo influenciada pela Física Quântica. Na realidade, uma retomada aos debates de Epistemologia que realizados

no Mestrado e acabei reencontrando o caminho da Filosofia neste trabalho. Ficou um capítulo bem grande. Após a qualificação editei. Abaixo segue a versão original.

### **Provocações dos estudos sobre o Tempo - *Dos Tempos e Das Durações*<sup>7</sup>**

Na primeira aula de Tópicos Especiais em Ciência e Cultura e(m) Sociedade, Curso Interdisciplinar oferecido pelo Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, o Professor Miguel Quartin do Instituto de Física-UFRJ e do Grupo Astrofísica, Relatividade e Cosmologia (ARCOS) explicou Cosmologia.



Figura 14: Logo do Grupo Astrofísica, Relatividade e Cosmologia - ARCOS-UFRJ

Atendendo ao desafio de traduzir sua linguagem aos não iniciados, o professor discorreu sobre *Cosmologia, Radiação Cósmica de Fundo e as Origens do Universo*, não chegando a abarcar a temática do tempo nos 20 minutos que dispunha. Mas chamou a atenção quando declarou que Einstein não concordou com os desdobramentos da Teoria da Relatividade, despendendo os últimos 25 anos de sua pesquisa tentando criar uma alternativa à Teoria Quântica, porque não cabia na sua cosmovisão. Até aquele momento desconhecíamos essa discórdia.

Dias depois, o primeiro episódio, da primeira temporada da série *Além do Cosmos* (GREENE, 2015), da National Geographic, apresentava o desenvolvimento do tema *tempo* a partir dos conceitos físicos citados pelo professor Quartin.

Albert Einstein (1879-1955) conceituou o tempo como um fenômeno que não ocorre da mesma forma para todos. Entrou em choque com as premissas de Isaac Newton (1643-1727) para quem o tempo era absoluto em qualquer situação e em qualquer espaço. Para Einstein, o movimento pelo espaço muda o tempo de maneira que, na perspectiva de quem se movimenta, o tempo é mais vagaroso; a variação acontece por causa da diferença de velocidade e de gravidade entre quem se move

---

<sup>7</sup> Versão integral do capítulo que foi editado na tese para dar mais espaço aos resultados da pesquisa.

e quem está parado. O físico alemão propõe por fusão uma nova categoria quadridimensional: o espaçotempo.

A própria diferença entre passado, presente e futuro foi questionada. O agora, nessa perspectiva, envolve muitos eventos próximos e distantes das pessoas. Fatos que estão acontecendo ao mesmo tempo ao nosso lado e em diferentes regiões do espaço constituem aquilo que denominamos intuitivamente de agora. Momento, após momento estariam acontecendo Fatias de Agora. Para explicar essa noção compare o tempo a um pão que cresce - mesmo modelo apresentado pelo professor Quartin para explicar a expansão do Universo (Figura 15). Do mesmo modo que há várias maneiras de cortar um pão, existem diferentes formas de cortar o espaçotempo em fatias de agora separadas.

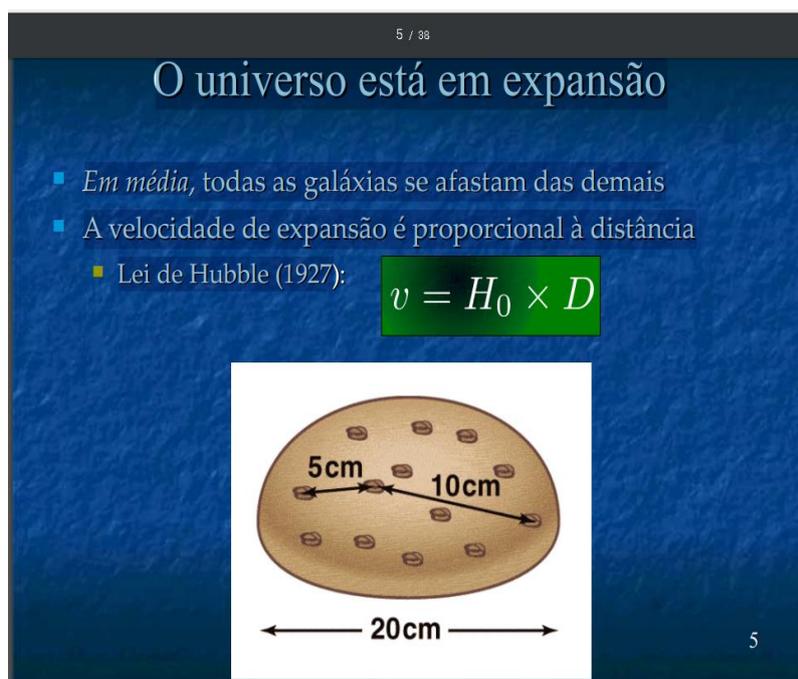


Figura 15: Apresentação do Professor Miguel Quartin *Cosmologia, Radiação Cósmica de Fundo e as Origens do Universo*

Como o movimento afeta a passagem do tempo, quem está se movendo tem a percepção diferente do que está acontecendo agora. Então, cortando o pão em diferentes Fatias de Agora, estas estarão em ângulos diferentes. Se duas pessoas, ou seres, distantes no espaço estão parados, dividem uma mesma Fatia de Agora num recorte em ângulo reto. Mas se um deles se põe em movimento, os relógios ficam em ritmos diferentes, e as Fatias de Agora passarão a diferir também. Quanto maior a distância, maior o ângulo de corte. A princípio os argumentos envolvem seres muito distantes no espaço, dentro e fora da Terra.

Para o nosso debate estava importando que as ideias de agora, presente, passado e futuro consideravam a experiência de quem está no espaçotempo. Apesar de diferentes, as experiências seriam válidas, a condição é que sejam reais. Todos existem. “O passado não se foi e o futuro não é inexistente. O futuro, o passado e o presente estão todos existindo exatamente da mesma forma”, explicou Max Tegmark, cosmólogo sueco, radicado nos Estados Unidos onde é professor no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (Greene, 2015, 20’47”). Tudo o que aconteceu ou vai acontecer está presente.

O narrador do episódio afirma - e concordamos a princípio - que tal abordagem einsteiniana é bastante corajosa, pois ousou quebrar os cânones científicos. Sugeriu que a distinção passado, presente e futuro é uma ilusão, mesmo que persistente. Assim como o é nossa sensação real que o tempo corre como um rio, infinitamente.

O tempo seria um rio congelado, no qual estamos presos no instante em que estamos vivendo, cada momento travado para sempre no mesmo lugar (Greene, 2015, 23’03”). Janna Levin, professora de Física e Astronomia no Barnard College da Universidade de Columbia, afirma que “nossa vivência do tempo está constantemente no presente e tudo o que conseguimos apreender é esse instante” (23’19”). Para a Física não há a opção por um agora em detrimento de outro, as coisas parecem mudar do nosso ponto de vista subjetivo, mas esse fluxo do tempo pode ser uma ilusão.

O episódio passa a discorrer sobre viagem no tempo, considerando a gravidade, o que no nosso debate sobre educação de surdos ainda não é, digamos, esperado. Mas importa dizer que quanto maior a gravidade, maior é a sensação que o tempo passa devagar. Na hipótese dos Buracos de Minhoca, previstos nas equações de Einstein, estarem corretas, viajar para o passado, ligar partes do espaçotempo, seria bastante problemático. Tudo poderia ficar confuso se fosse possível mudar acontecimentos reais. Ou seja, por mais que queiramos, nem a Física assegura que poderemos retomar um ponto na história da educação de surdos e mudar o que aconteceu.

Por que parece que o tempo segue como uma flecha? Os pesquisadores afirmam que permanece um mistério a Flecha do Tempo (que está indicada na logomarca do ARCOS-UFRJ) que apontaria sempre para um futuro; os eventos estariam sempre numa direção. No espaço, essa direção que parece única não existe. As leis da física permitem a reversibilidade; nas equações matemáticas os fenômenos

podem seguir para trás. A Física é reversível, mas a vida é irreversível. Como poderia a reversibilidade se aplicar à vida?

Revertendo a velocidade de tudo, a Física recupera uma taça que cai. Mas nunca vemos esse fenômeno. O que é responsável pela Flecha do Tempo? Ludwig Boltzmann (1844-1906) desenvolveu a equação da Entropia que é a medida da desordem ou aleatoriedade. Todas as coisas do Universo tendem a passar da ordem para a desordem. Exemplos de entropia no nosso cotidiano: um ovo que cai, gelo derretendo, nuvem de fumaça dissipada. “Uma medida de desordem parece aumentar numa direção de tempo e isso para Boltzman parece criar um Arco no tempo” (Greene, 2015, 36’00”). Parece ser essa a direção da Flecha do Tempo; as coisas na natureza tendendo a evoluir em desordem crescente. Talvez tenha relação com a evolução da desordem. Mas a entropia não deveria aumentar em qualquer direção, no passado e no futuro?

Deveríamos olhar para as condições iniciais do Universo. No passado não havia espaço e tempo. Antes do primeiro momento, a fonte primordial tinha ordem e baixa entropia. Tem-se então o Big Bang. O que veio depois foi um momento na desordem. A hipótese é que esse evento tenha dado o sentido à Flecha do Tempo. Os Físicos trabalham com essa hipótese, mas não sabemos o porquê disso. A tendência do Universo é seguir da ordem para a desordem. O Big Bang inicia o tempo.



Figura 16: Apresentação do Professor Miguel Quartin Resumo da História do Universo

O universo expande até hoje e está acelerando. O Espaço foi expulso para fora. Num futuro do Universo parecerá que nossa galáxia estará no meio do nada, muito distante das demais. O passado cósmico pode ficar fora de alcance, mas seriam milhões ou bilhões de anos para isso acontecer. O problema é que com a perda de

energia, os fenômenos se estabilizam, não há mudança. Sem mudanças não temos uma noção clara da passagem no tempo. Se eventos não acontecem não podemos imaginar o tempo, nem imaginar sua direção para trás ou para frente.

No final do episódio, o narrador afirma que nossas experiências cotidianas continuam a nos pressionar para entender o tempo como universal. Que o passado ficou para trás, mas os debates provocados a partir da Física pressionam tal convicção. Convida-nos a ver além da experiência e reconhecer que somos parte de uma realidade mais rica e estranha.

Esse debate interessa porque há diferentes disputas sobre como contar a história das concepções sobre a surdez. Os movimentos sociais surdos contemporâneos denunciam o que entendem ser a patologização da sua diferença linguística e reivindicam uma concepção sócio antropológica (FENEIS; Campello, 2011; Rangell & Stumpf, 2012; Rezende, 2012; Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias n.º 1.060/2013 e n.º 91/2013 do MEC/SECADI; Campello & Rezende, 2014; Perlin & Souza, 2015). Solange Rocha (2009) na sua tese *Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961)* afirma que buscou identificar os efeitos de narrativas dicotomizadas para a história da educação de surdos, tendo como campo de investigação o INES. Analisa que o Instituto tem sido narrado, em especial a partir dos anos de 1990, estritamente no âmbito linguístico de modo antitético, defendendo “o ensino através dos sinais” (p. 6). Que tal narrativa crítica assumia uma perspectiva de história-tribunal numa lógica de opressores (ouvintes/oralistas) *versus* oprimidos (surdos/gestualistas). Exemplifica afirmando que Jean-Marie Gaspard Itard é apresentado hoje como anacrônico em seu tempo por não corresponder às idéias do corpo teórico crítico. Considera “que a centralidade que essas críticas vêm assumindo opera inúmeros apagamentos e compromete a percepção das interações do campo com o da educação geral” (p. 6). Rocha (2009) convida-nos a “evitar nutrir expectativas relativas ao que passou” (p. 124), assim “as narrativas históricas sobre tempos pretéritos” (p. 124) não ficariam “prejudicadas pelas nossas intenções do tempo presente” - no mesmo parágrafo - alerta que “um devir para o passado é uma armadilha para nos perdermos dele ou nele”.

Por conseguinte, somos duplamente instigados para pensar outras formas de entender o tempo. Precisamos procurar interlocutores que traduzam a interpretação do tempo que nos veio a partir da Física para compreender a Educação de Surdos. Encontramos duas fontes: Carvalho (2012) e Barreto (2007).

Carvalho (2012) entrelaçou os conceitos do filósofo Henri Bergson (1859-1941) e do químico Ilya Prigogine (1917-2003). Em comum, ambos contrariam os pressupostos da ciência clássica newtoniana e mecanicista, buscando inserir o tempo como elemento central para a vida e para o entendimento da realidade. Destacam o tempo como fenômeno independente do homem e como base da construção de uma visão filosófica vitalista, em Bergson, e de um sistema teórico-científico, em Prigogine.

Para Bergson, o tempo permite o entendimento da própria vida. Para Prigogine o tempo é matéria-prima criadora da realidade, “fonte inesgotável do novo, pilar de uma nova visão da ciência e da natureza, que corresponde às novas descobertas da própria física” (Carvalho, 2012, p. 115). Há diferenças teóricas. O filósofo introduz o conceito de consciência e memória para definir o tempo vivido - *duração* - e o tempo universal, uno e impessoal que corresponde ao conceito de consciência impessoal. Prigogine por sua vez, propõe uma nova aliança entre o que estava racionalmente separado: filosofia e ciência; homem e natureza, áreas exatas e humanas - oportuno convite.

Bergson afirma o tempo como elemento de criatividade; “não tempo rítmico da contagem, simbolizado pela extensão, mas o tempo da *duração*. Ele nos alerta para a ilusão de confundirmos a *duração* com um tempo homogêneo, ou seja, com uma representação da extensão” (Bergson, 2006 apud Carvalho, 2012, p. 106). *Duração* é anunciada como memória, que é consciência; donde advém que a duração “é o ‘*élan vital*’ para mudanças, internas e externas e o que possibilita o prolongamento do passado no presente; esse como momento mais contraído da memória” (Schöpke, 2009, p. 225 apud Carvalho, 2012, p. 107).

Prigogine pesquisava Termodinâmica, tema de encontro entre Física e Química. Ele colaborou com as mudanças que conduziram uma nova visão da realidade para as ditas ciências naturais e não concordou com todas as proposições críticas. Uma nova ordem complexa foi possível (refere-se à Termodinâmica, Teoria da Relatividade, Mecânica Quântica, pela descoberta da instabilidade de partículas elementares, das estruturas de não equilíbrio, dissipativas e de sistemas caóticos) e a história de um ser vivo ou de uma sociedade, não poderia “ser reduzida à

simplicidade monótona de um tempo único, quer esse tempo cunhe uma invariância, quer trace os caminhos de um progresso ou de uma degradação” (Prigogine & Stengers, 1997, p. 211 apud Carvalho, 2012).

Portanto, o artigo apresenta dois pesquisadores que encaram a mudança como o caráter intrínseco do tempo. Bergson o descreve como *duração*, compartilhamento e intuição de sermos parte de um todo indivisível que nos atravessa. Prigogine compreende o tempo pela noção de Flecha do Tempo, irreversibilidade, e propondo uma ciência que vislumbre a criatividade na natureza (Carvalho, 2012). Vislumbramos uma perspectiva de compreender as visões sobre a surdez que, nem nos confina no presente, impedidos de dialogar com o passado, nem nos limita ao “olhar cronocêntrico” (Rocha, 2009, p. 124).

Outra tradução esclarecedora foi a tese de Barreto (2007). Professor de Física, doutor em Ciências Sociais, aprofundou-nos a concepção bergsoniana. Enquanto ensinava, reparou nas reações dos seus alunos diante das ideias de Einstein sobre o tempo. Nos primeiros contatos, beiravam à idolatria. À medida que ficava difícil compreender o caráter quadrangular einsteiniano os alunos retomavam o tempo newtoniano porque os novos conceitos causavam certo desconforto. Barreto (2007) investigou tais reações, percebendo sua ressonância com a inquietação do filósofo Henri Bergson. Novamente o francês que debateu, no ano de 1922, em Paris, a Teoria da Relatividade com o próprio Einstein.

Barreto (2007) indica que a questão do significado filosófico do tempo acabou sendo ofuscada pelo sucesso acadêmico e popular da teoria einsteiniana. Reafirmou que Bergson não pretendia preservar o tempo absoluto, nem contestar a Teoria da Relatividade; procurava evitar reduzir a *duração* a um psicologismo. Inteligência e intuição, Física e Metafísica deveriam erigir uma ciência completa, a teoria de Einstein seria a oportunidade de recolocar a questão do tempo a serviço destas sinergias.

Einstein não compreendeu a intenção de Bergson. Não se abatendo diante desse revés, o filósofo percebeu que os caminhos não precisavam ser antagônicos; poderiam ser percorridos por vias complementares: inteligência e intuição. Merleau-Ponty (1908-1961) interpretou a rejeição de Einstein como crise da razão. Apesar de revolucionário, o alemão hesitou em radicalizar sua noção. O mesmo aconteceu com Max Planck (1858-1947), cuja Lei da Radiação contrariava as premissas básicas da Física, que até então, descreviam a natureza da energia. Ele próprio foi um dos

últimos pesquisadores a aceitar as implicações da Teoria Quântica que ajudou a criar (Fardon, 2015). Ainda assim, a hesitação não o estabeleceu ao lado de Einstein.

Confessamos que a reação filosófica restabeleceu o sentido daquilo que havíamos entendido no início. Dito em outros termos, recapitulamos ao primeiro impacto que o episódio de *Além do Cosmos*, havia provocado: que para pensar o tempo não bastam a matematização dos instantes nem o ordenamento racional dos eventos. A experiência do sujeito - na falta de um termo mais adequado - que está no tempo importaria. Abaixo, o professor Barreto (2007) explica como, até aquele ano, o debate foi continuado. Entre parênteses colocamos explicações que o autor apresenta em notas de rodapé.

Infelizmente, a efemeridade e os mal-entendidos do encontro de Paris esconderam que, mesmo em sentidos opostos, os caminhos, sob certo ponto de vista, convergiam. Einstein introduz a idéia de tempo local e opõe o tempo múltiplo ao tempo absoluto newtoniano; de sua parte, Bergson elege a intuição como a faculdade de captar as diferentes contrações da duração que coexistem num tempo único, o qual a física posterior a Einstein veio a admitir (existência de processos dinâmicos instáveis reabilita na física a idéia de um tempo universal, defendida por Bergson). Einstein instaura a medição do tempo a partir do referencial do observador (assim como Kant, ele parece crer que a filosofia deve submeter-se à ciência) e Bergson toma a percepção da multiplicidade *durée* a partir do murmúrio interno da vida interior do sujeito (p. 123).

No tempo único de Bergson cabem as multiplicidades virtuais simultâneas para nossa própria *duração*. Voltamos ao rio como meio para compreender o tempo: “quando estamos sentados à beira de um rio, o escoamento da água, o deslizamento de um barco e o murmúrio ininterrupto de nossa vida profunda são para nós três coisas diferentes ou uma só, como se queira...” (Bergson, 1998, p. 75 apud Barreto, 2007, p. 131). O sincronismo dos fluxos (rio, barco, vôo de um pássaro, vento...) que se mantêm na *duração* do nosso próprio fluxo nos conduz para a *duração* real, para a coexistência virtual de todos os graus em um só e mesmo tempo. Bergson concluiu que Einstein espacializou o tempo, confundindo a “multiplicidade atual, simbólica e numérica, com a multiplicidade virtual, contínua e qualitativa” (p. 131).

Na filosofia de Bergson, a matéria é conhecida pela ciência e o espírito penetrado pela Metafísica. Algo que ele não conseguiu construir em conjunto com Einstein. Foi Prigogine (2002, p. 24 apud Barreto, 2007) quem sintetizou as conclusões desse encontro malsucedido explicando que o tempo orientado do filósofo não era aceito por Einstein. “E visto que Bergson insistia na irreversibilidade do tempo, ele voltou-se para a Metafísica porque não havia nada na Física da sua época que

permitisse considerar um tempo orientado” (Prigogine, 2002, p. 24 apud op. cit.). A noção de Flecha do Tempo, como vimos, só foi desenvolvida pela Física depois.

Se Bergson foi um unificador na Filosofia, tempo depois, Richard Buckminster-Fuller (1895-1983), designer e arquiteto estadunidense teria conseguido também a tal “sinergia entre intuição e inteligência” (Barreto, 2007, p. 174). O tempo matemático e a *duração*, com ele, são entendidos como aspectos próprios da inteligência - essencial para vencer os obstáculos impostos à vida pela matéria - e da intuição imprescindível para orientar e limitar a inteligência. Temos com ele, da mesma forma, uma complementaridade entre as concepções quantitativa e qualitativa do tempo, entre Física e Metafísica. O progresso tecnocientífico, poderia permitir a definitiva superação do *ou eu, ou você* pelo *eu e você*, mas ampliou e não diminuiu as distâncias entre as classes e entre os países. A lógica da sobrevivência se aguçou mais do que nunca com o acirramento da competição por recursos, desenvolvimento tecnológico e postos de trabalho, que a reestruturação produtiva foi tornando cada vez mais escassos. Ao invés de beneficiar a humanidade, a aliança entre a tecnociência e o capital apropriou-se da sublimação epistemológica e, embarcado nessa lógica permanece o tempo subjetivo da consciência submetido ao tempo matemático exterior à maioria das pessoas.

Barreto (2007) cita Deleuze que ainda mais claramente nos permite compreender outra conexão entre passado e presente. Em *Bergsonismo*, o filósofo francês argumenta que a contração do passado no presente manifesta a relação de todas as coisas com o ser; o Universo e os movimentos são entendidos como uma formidável memória. O movimento pelo qual saímos da nossa própria *duração* e nos servimos dela para reconhecer imediatamente a existência de outras *durações* é o movimento do método da intuição.

Tentando alcançar o que Einstein sozinho não teria feito, Bergson, nos propõem um modelo para compreender o homem em relação ao tempo.

Se nossa percepção fosse ampliada de maneira que nos permitisse perceber eventos que ocorrem com velocidades próximas à da luz, a relatividade dos eventos simultâneos seria acessível à nossa experiência. Tal percepção nos faria um ponto pequeníssimo, percorrendo todo o mundo e tudo o que existe numa velocidade infinita; porém, teríamos de ser indivisíveis, únicos e onipresentes - à semelhança de deuses. Limitados, somos “pontos” que, ao invés de onipresentes, circunscritos, *deixamos rastros ao percorremos o mundo*. Nossa percepção está limitada aos

objetos próximos ainda que seja possível assumir aqueles que estão simultaneamente no espaço mas não podemos perceber.

No livro *Matéria e Memória*, Bergson (Barreto, 2007) utiliza a imagem de duas linhas perpendiculares que representam nossas percepções atuais e virtuais. A reta horizontal abarca todos os objetos simultâneos no espaço. A semirreta vertical porta nossas lembranças escalonadas no tempo. No ponto de interseção (I) das duas linhas está o presente de nossa consciência.

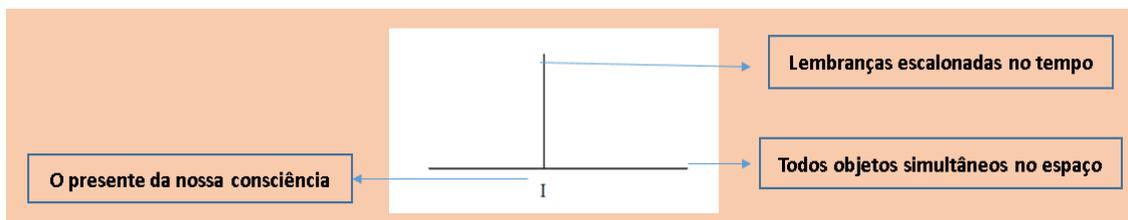


Figura 17: Concepção bergsoniana de percepção do tempo (Barreto, 2007)

A ilusão do homem comum seria considerar que a realidade é apenas o que está representado na linha horizontal, os objetos no espaço, e que o presente percebido (ponto “I”) é o único ponto verdadeiro das lembranças (a linha vertical lembranças). Isso porque os objetos situados ao nosso redor representam as ações que iremos realizar sobre eles ou que deles sofreremos. Todavia, *os objetos mais distantes também representam estas ações em graus menores; gozam da mesma atualidade que é transmitida, numa velocidade infinita, dos objetos próximos aos mais distantes.*

A outra ilusão seria considerar a semirreta vertical (nossas lembranças escalonadas no tempo), como se só o presente (I) fosse real. Pois, fomos habituados a buscar no passado apenas o que interessa à ação imediata, ou seja, aderência da lembrança ao presente, esquecendo todas as outras que não são úteis para determinada situação. Porém, *nosso passado está latente em nosso presente.* Podemos comparar a aderência de uma lembrança do passado a nosso presente à realidade da cadeia dos objetos que não podemos perceber.

veremos que nossas lembranças formam uma cadeia do mesmo tipo e que nosso caráter, sempre presente em todas as nossas decisões, é exatamente a síntese atual de todos os nossos estados passados. [...] O mesmo instinto, em virtude do qual abrimos indefinidamente diante de nós o espaço, faz com que fechemos atrás de nós o tempo à medida que ele passa (Bergson, 1999b, p. 170-171 apud Barreto, 2007, p. 165).

Tanto na transmissão da atualidade para os objetos distantes do nosso redor imediato, quanto na coexistência do passado no presente, nosso inconsciente

desempenha um papel do mesmo tipo. Do livro *Matéria e Memória*, com Bergson podemos representar num cone a totalidade das lembranças acumuladas na memória de uma pessoa.

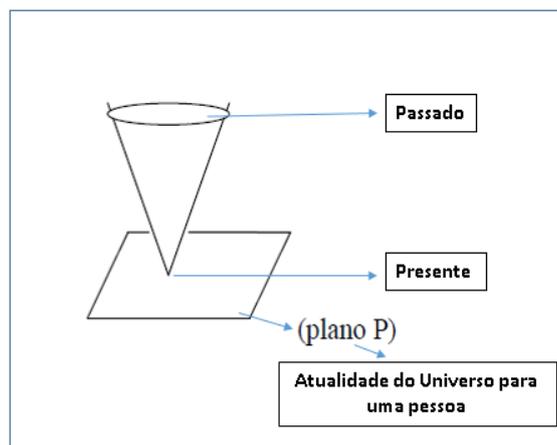


Figura 18: Lembranças acumuladas na memória de uma pessoa em Bergson (Barreto, 2007)

As representações acima são admitidas como abstrações onde a base do cone representa o passado puro e o vértice, o presente puro. A ponta do cone avança sem cessar. Dessa mesma maneira, o cone também toca o plano P que representa a atualidade do Universo para tal pessoa. No ponto em que o vértice do cone toca o plano, concentra-se o presente. Fazendo parte do plano P, essa imagem limita-se a receber e a devolver as ações emanadas de todas as outras imagens do plano.

A memória do corpo (sensório-motora) é quase instantânea, base para a memória do passado. Contudo, não são coisas separadas. A memória do corpo é a ponta móvel inserida pela memória do passado no plano movente da experiência, sendo natural que essas duas funções prestem-se mútuo apoio. O homem de ação de pronto convoca, em auxílio de uma situação dada, todas as lembranças a ela relacionadas; mas lembranças inúteis ou indiferentes podem ser barreira insuperável ao se apresentarem ao limiar da consciência.

Viver no presente puro, responder a uma excitação através de uma reação imediata que a prolonga, é próprio de um animal inferior: o homem que procede assim é um impulsivo. Mas não está melhor adaptado à ação aquele que vive no passado por mero prazer, e no qual as lembranças emergem à luz da consciência sem proveito para a situação atual: este não é mais um impulsivo, mas um sonhador (Bergson, 1999b, p. 178 apud Barreto, 2007, p. 168).

Devido aos limites das nossas percepções, nosso “ponto” traça um cone dentro do qual o espírito passeia. Num vai-e-vem entre a ponta e a base do cone o espírito

busca lembranças que se adequam à situação presente. O *presente puro representado pelo vértice é o avanço do passado a roer o leque de possibilidades do futuro e seu rastro deixa no volume do cone as lembranças que coexistem com ele, assim como todos os pontos do plano P são atuais em relação a ele.*

Quando nos lançamos à compreensão das nossas indagações iniciais - Como acontece o ingresso dos professores surdos? Que cenários encontraram? Como entendem e descrevem a institucionalização da Libras no INES? Quais foram/são as suas expectativas? Como organizam e avaliam a sua prática no início dessa carreira no INES? De que forma a diversidade desses docentes foi recebida? - tínhamos cenários e opções de método preliminares para alcançar as respostas. No entanto, à medida que fomos reparando os primeiros resultados, percebemos que era preciso um pouco mais.

Interessava-nos o ingresso dos professores de *logo aqui no tempo*, mas o ingresso dos professores de *um pouco lá no tempo* também evocou reflexões importantes. O que as memórias dos professores aposentados acionaram não dizem respeito apenas a um passado atrás de cada um de nós. Esse movimento de sair das *nossas próprias durações* - os professores surdos, a pesquisadora, quem sabe um leitor - e nos servir delas mesmas, retomando a citação a Deleuze, nos fez reconhecer *outras durações*. Quando nossa percepção foi ampliada com o uso de recursos tecnológicos - livros, fotos, imagens digitalizadas, telefone, programas de informática, rede mundial de computadores - foi possível seguir os *rastros*.

Descrever dessa forma a compreensão do objeto da pesquisa - professores surdos do INES - não significa o abandono do que nos ajudou a dar os primeiros passos na pesquisa. Porque apostamos na narrativa, que tão relevante quanto a pesquisa histórica, diz respeito ao modo como as pessoas entendem e contam, rememoram as suas histórias, seus percursos. Não contávamos ampliar tanto nossa percepção; o que aumentou o trabalho e a responsabilidade com a pesquisa. Como escrever tudo o que encontramos? Como utilizar estratégias de resistência dos narradores com responsabilidade, lembrando as provocações citadas no *Diário de Pesquisa* (p. 20-23)? Se a memória é um fenômeno da consciência, como perceber a relação entre as pessoas em um lugar como o INES? A ação possível é sobre os *rastros* que essas pessoas deixaram? Que *rastros* ficaram? Que *rastros* se apagaram? Que *rastros* nós hoje precisamos reforçar?

Concordamos com Rocha (2009), não se trata de vestir a “tentação do **se**” (grifo do original, p. 127), não obstante também não se trata de reconhecer ou enfrentar os processos históricos. Lamentamos, no entanto, não sermos capazes de “remover o entulho ideológico que aprisiona o campo” (Rocha, p. 124).

Assim terminou a seção que desenvolvia a temporalidade. Algo foi mantido, mas retirei muito da abordagem da Física e da Química.

### **Quando as dúvidas começam a se transformar em surpresas**

Em 11 de setembro de 2014, fui à festa de aniversário da hoje amiga, na graduação, orientadora, Angela Fernandes. Lá reencontrei outra professora da graduação e saudei de uma forma diferente: - Olá! Você me deu aula de Psicologia do Excepcional (nomenclatura dos anos de 1990) e hoje eu trabalho no INES. A resposta da Professora Lília Lobo foi retumbante:” - No INES, naquele lugar! Eu fiz Curso Normal lá, me formei professora, trabalhei como professora e depois como psicóloga, mas saí e voltei apenas para a dissertação.” A resposta foi, mais ou menos, assim. Desse ponto em diante, passei a falar do que eu já tinha vivido e pedi seus contatos.

No dia 07 de novembro, os colegas Maurício Rocha, Helen Ferreira e eu estivemos na sua casa. Além de contar histórias sobre o Curso de Formação de Professores, mostrar fotos suas, Lília nos revelou duas matérias da Revista *O Cruzeiro* publicada em 14 de dezembro de 1957, *Quatrocentas crianças não podem contar o seu drama* e *Trinta e cinco professoras podem contar seu drama*, publicada quatorze dias depois (apresentadas na íntegra nos anexos da tese).



Figura 19: Matérias da *Revista O Cruzeiro* de 1957

Esse material foi incluído na Tese de Maurício (Rocha, 2016). Desde aquele ano pretendíamos filmar um depoimento da Lília no Instituto, mas o doutorado dele e o meu foram adiando os planos.

Depois que entrevistei José Vicente, inferi que os três foram contemporâneos no INES. Daí veio a concepção de provocar o encontro. Convencida que um filme sobre os professores surdos aposentados seria algo mais urgente, retomei o contato com Lília e fechamos, após negociações e compromissos, para o dia 19 de abril de 2017.

Pelo telefone antecipei informações que havia levantado com Sebastião e José Vicente. Nessa conversa, a Lília esclareceu como tinha sido o processo de reconhecimento da atuação deles como professores de curso profissionalizante. Era o que precisava saber! E essa outra pista eu perseguí com muitas forças, pois até hoje alguns surdos dizem que eles não eram “professores de verdade”.

De fato, Lília foi reconhecida por eles naquela quarta-feira. Fomos encontrá-la no que hoje guarda o acervo histórico e já foi a casa de diretores e dormitório das alunas. Eu fiquei admirada. Caí numa espécie de túnel. Minha atenção estava em nível máximo. Não queria perder nada daquilo. Só existia aquele momento.

Fomos para o estúdio e além do equipamento profissional, liguei a câmera que eu usava na pesquisa. Ela registrava os bastidores. Começamos com depoimentos individuais de Sebastião, depois de José Vicente. Depois filmamos os dois juntos. A seguir, filmamos Lília sozinha e ela com os dois. Como Lília não usa mais Libras e não havia intérpretes naquele momento no NEO, eu precisei traduzir os depoimentos deles e o dela. Só mesmo a adrenalina e o encantamento permitiram que eu ficasse naquelas funções (perguntar, organizar a dinâmica, orientar os profissionais do estúdio sobre o que precisava gravar, estar atenta ao meu equipamento e estabelecer a comunicação de Libras para Português e de Português para Libras).

Pela primeira vez Sebastião e José Vicente se emocionaram. Ali aconteceu algo especial. Mesmo a equipe de filmagem, a quem muito agradeço toda a atenção e dedicação, percebeu. Lília trouxe outras histórias e avaliações. Por isso sua narrativa também será apresentada quando abordarmos as histórias do INES.

### **Entrevistas com estudantes da Educação Básica**

A entrevista com os estudantes do CAP/INES poderia ter acontecido, conforme previsto, juntamente com os da graduação. Porém, a solicitação às colegas para que indicassem ou intermediassem o convite aos estudantes não evoluiu bem.

Adiantei a entrevista com os estudantes da Graduação. E finda essa etapa, pedi a ajuda de Sebastião para indicar os do CAP/INES. Recebi o telefone de dois estudantes e combinamos pelo Whatsapp<sup>8</sup> para o dia 19 de maio. Foram as entrevistas mais rápidas. Um terceiro estudante de 17 anos desejou participar, mas expliquei o motivo de não poder aceitar.

Ao final, falaram sobre a reorganização do Grêmio. E eu falei sobre meu contato, pela Assines-SSind, com o Grêmio do INES - GINES. Mostrei as fotos dos atos em Brasília pelas Escolas Bilíngues para Surdos de 2011 e pasmei quando percebi que eles não conheciam essa história. Acharam que poucas pessoas participaram! De fato, naquele tempo eles tinham apenas 12 anos. Todavia, foi um indicativo que o movimento dos surdos não tem, no INES, pensado nas novas gerações. Enviei a Revista n.º 44 da FENEIS para os estudantes. Por email, comentei o que aconteceu com uma pessoa que milita no movimento.

### **Sobre pesquisa no acervo e nos bancos de dados**

A pesquisa documental foi necessária desde o início para elucidar aspectos da atuação de docentes surdos, dos cursos profissionalizantes que o INES oferecia e sobre a introdução da Libras na formação dos surdos. Após os desdobramentos a partir do contato com Sebastião, José Vicente e Lília um levantamento no acervo se tornou premente.

Em maio de 2017, consegui acertar a consulta ao acervo histórico com a Professora Solange Rocha. Enviei previamente as principais dúvidas que precisava elucidar:

- Atas do I Seminário Brasileiro sobre Deficiência Auditiva, com o tema *Formação de Professor Especializado de Deficientes da Áudio-Comunicação*.

- Após E. Huet, quais foram os primeiros professores surdos ou surdos em função docente? O livro *O INES e a educação de surdos no Brasil* (Rocha, 2007) cita o Professor Antônio Pitanga (p. 74). Foi ele o primeiro? Há mais dados sobre ele?

- Sebastião Orlandi e José Vicente de Campos são sujeitos da pesquisa. Poderia ter

---

<sup>8</sup> O WhatsApp começou como uma alternativa ao sistema de SMS, e agora oferece suporte ao envio e recebimento de uma variedade de arquivos de mídia: fotos, vídeos, documentos, compartilhamento de localização e também textos e chamadas de voz.  
Disponível em: <https://www.whatsapp.com/about/>

acesso às matrículas deles (os dados disponíveis sobre o ingresso) e registros sobre as atividades deles como professores das oficinas?

Sobre Cursos Profissionalizantes:

- Da implantação até a finalização, quais foram os documentos que organizavam as oficinas além dos Regimentos Internos?

- Implantação do ensino profissionalizante durante a gestão de Tobias Leite – como eram escolhidos os professores?

- Transformação do Instituto em estabelecimento profissionalizante, em 1925, na gestão de Custódio Martins

- Ampliação de contratação de ex-alunos para lecionar e para serem inspetores  
- Convênio do INES com outras instituições para formação profissionalizante dos alunos

No primeiro dia, 15 de maio, Solange me mostrou, e eu capturei, imagens dos seguintes documentos: da Revista do INSM de 25 de setembro de 1950, uma matéria sobre Antônio Pitanga e o depoimento de Sentil Delatorre de Oliveira, ex-aluno da Seção Gráfica; Relatório letivo do ano de 1980; Recomendações Oficiais do *I Seminário Brasileiro sobre Deficiência Auditiva: Formação de Professor Especializado de Deficientes da Áudio-Comunicação*; Documento do Núcleo de Libras de 2001 da Coordenação de Projetos Educacionais e Tecnológicos do Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico (DDHCT); Convite de Formatura do Ginásio Orientado para o Trabalho Ernest Huet de 1970. Em 22 de maio, consultei e fotografei: os Anais da *1ª Conferência Nacional de Professores de Surdos* de 1959, na qual é citada a Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro; o Plano Anual de Atividades Pedagógicas de 1980; três edições da Revista de Ensino ao Surdo Brasileiro, publicação da Associação Brasileira de Professores de Surdos, duas de 1954 e uma edição dupla de 1955. Além desses, a colega enviou arquivos dos seguintes documentos: Documento da Campanha contendo discursos completos das principais autoridades; Debate sobre a 26ª Questão *Educação dos Surdos-mudos* com os pareceres de Menezes Vieira e Tobias Rabello Leite do que teria sido, em 1883, o *I Congresso de Instrução do Brasil*; Atividades e Documentos Estatísticos do INSM de 1937; Pedagogia Emendativa do Surdo-Mudo de 1934.

No dia 25, fui assistir, por recomendação da colega, a duas entrevistas porque as entrevistadas citaram as oficinas. A entrevista com a Professora Léa Paiva Borges

Carneiro foi realizada em março de 1997. A entrevista com a Professora Regina Rondon Krivonchein foi realizada em 2007. Ambas falecidas.

Dividi com o colega Maurício Rocha, no dia seguinte, o que soube sobre a Associação de Professores. Mesmo ele não sabia. Solange já conhecia essa informação. Embora eu tivesse tempo para estudar o estatuto, as matérias mostraram que se tratava de uma entidade com objetivos científicos. Teremos de pesquisar mais. No entanto, compreendi que era uma pista valiosa para o colega Maurício, que pesquisa formação de professores de surdos.

As entrevistas são riquíssimas e confirmam a colega Vânia Reis (1992) porque são muitas histórias nas cabeças. Algumas delas já se foram. O quanto não trariam de diferentes, conflitantes e potentes visões sobre a atenção aos surdos no Brasil no qual o INES era e ainda é um importante centro. A história dos surdos, a história do INES são *assuntos multiversivos* - ousando me apropriar do termo de Mia Couto.

Paralelamente, realizei pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e no acervo da Câmara dos Deputados. Comecei procurando notícias sobre o INSM e em ambos os sites encontrei muito material. Na realidade, é preciso pesquisar considerando todos os nomes que o Instituto já recebeu. Interessante destacar que muitos dos fatos citados na pesquisa no acervo também foram encontrados nessa pesquisa na web. Alguns pontos que as professoras entrevistadas comentaram como dúvidas, por exemplo, tinham alguma versão na hemeroteca, como, o contato entre os diretores Armando Lacerda e Ana Rímoli.

Da hemeroteca digital percebemos que o Instituto era bastante presente entre os moradores do Distrito Federal. Muitas notícias eram veiculadas desde questões administrativas até esportivas e artísticas. Alguns acontecimentos foram narrados pelos professores aposentados. Nos *Anais da 1ª Conferência Nacional de Professores de Surdos*, de 1959, a direção do INES homenageia os seguintes veículos da imprensa escrita e falada: jornais (Jornal do Brasil, Gazeta de Notícias, Jornal do Comércio, Jornal dos Esportes, Última Hora, Tribuna da Imprensa, Correio da Manhã, O Globo, Diário de Notícias, Diário Carioca, Diário da Noite, O Jornal, O Dia, A Luta, A Notícia, O Radical); canais de TV (TV Rio, TV Tupy, TV Continental); e rádios (Ministério da Educação e Cultura, Roquete Pinto, Mayrink Veiga, Tamoyo, Eldorado, Jornal do Brasil, Continental, Globo, Guanabara, Mundial, Tupy, Vera-Cruz, Carioca, Relógio Federal).

Dos arquivos da Câmara dos deputados pode-se encontrar desde os regimentos do Instituto, projetos de lei arquivados, mudanças na carreira, mudança na organização dos ministérios, contratos com empresas, discursos de deputados sobre o funcionamento do Instituto ou comentado a respeito de suas direções.

A Professora Lilia Lobo afirmou que a equipe do Ministério da Educação e Cultura, na qual atuava, entregou um documento para fundamentar a necessidade de reconhecer o trabalho especializado dos professores do INES, IBC e de instituições para pessoas com deficiência mental. Tentei encontrar documentos na internet. Achei apenas a lei. Como no texto havia referência a um parecer da Assessoria Geral da República, enviei à atual AGU, baseada no princípio da transparência Lei de acessibilidade um pedido com o documento citado. E dias depois ele me foi enviado. Mas não continha o dossiê do Ministério da Educação. Segui então, solicitando ao atual MEC o dossiê.

Quase que no mesmo dia, recebi da Imprensa Oficial os anexos de um decreto publicado no Diário Oficial da União que havia solicitado. Fica registrado que é possível ter acesso a documentos porque a digitalização permite. Além das leis, há quem compreenda a importância de partilhar registros. São rastros que deixamos e podem ser procurados para auxiliar nossa interpretação dos acontecimentos. Hoje, é bem mais simples encontrar os dados por causa da digitalização. Também é mais fácil nos perder diante de tanta informação.

### **Pensando bem é bom mostrar ou Nosso pequeno acervo e marcar nossos rastros - meus colegas aposentados e eu**

Como fazer ciência sem se envolver? E quando o envolvimento é um *desde lá* do início? Pois bem, eis o desafio no qual me engajei. Escrevendo o trecho acima reparei que acumulamos um modesto patrimônio de memórias recentes e partilháveis.

Temos muitas fotos da atuação de Sebastião no sindicato nacional, abaixo apresentamos algumas fotos dos Congressos do SINASEFE, Consinasefes.



Figura 20: Fotos com participações do militante Sebastião Orlandi no SINASEFE

Na primeira foto, sua intervenção no Consinasefe de São Luís-MA, de 17 a 20 de março de 2011. A segunda foto foi tirada ainda no Rio de Janeiro, mostra também a colega Karine Rocha, tradutora intérprete de Libras e formada pelo DESU-INES como pedagoga. Notamos que ele usava uma camisa da banda de rock Pink Floyd e, cheias de curiosidade, perguntamos o motivo (Será que ele sabe o que é? Será que ele sente o som?): - Achei as cores bonitas. É isso, atitude rock and roll! Nos dirigíamos para o 29º Congresso, em João Pessoa-PB, de 26 a 29 de março de 2015. E a terceira foto foi tirada no aeroporto de Brasília quando voltávamos do 30º Congresso que aconteceu de 18 a 21 de março de 2016.



Figura 21: Sebastião Orlandi na manifestação pela Escola Bilíngue para Surdos

Em 2011, ele participou dos atos de rua organizados pelos movimentos surdos em Brasília e dos trabalhadores no Rio de Janeiro. Na primeira foto, Sebastião na passeata; plena sexta-feira, milhares de surdos e comunidade tomaram as ruas, dia 20 de maio. Na segunda, eu o acompanho ao lado dos estudantes do GINES na volta dos atos. Todos devidamente bronzeados. Pena apenas que a verba, cerca de oito mil reais, tenha servido apenas para custear essa pequena e valente delegação de estudantes. Além da Assines, Sindscope (Sindicato dos Servidores do Colégio Pedro

II) e Andes-SN encaminharam os recursos. Os estudantes tentavam fretar um ônibus para levar uma delegação maior, mas algo aconteceu. O INES era uma das menores delegações no evento, ao contrário de estudantes do Ceará, Piauí, São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais...



Figura 22: Sebastião Orlandi se inscreve e faz sua intervenção na Cinelândia

Conhecido pela base do sindicato nacional, ele também participa de outros atos. E quando resolve se manifestar sinalizando chama sempre a atenção. Nesta passeata em 2011, os discursos dos carros de som e dele mesmo estavam sendo interpretados por companheiros tradutores intérpretes do INES.



Figura 23: O Professor Sebastião Orlandi fala sobre formação de surdos no COINES 2016

Em 2016, no Congresso do INES, ao final da Mesa Redonda *Educação bilíngue para surdos*, composta pelos professores Leonardo Peluso (Universidad de la República, Uruguai), Carlos Sanchez (Universidad Politécnica Territorial de Mérida, Venezuela) Luis Behares (Universidad de la República, Uruguai). Sebastião comparou sua formação com a dos alunos da atualidade, lamentando que os jovens tenham muitas dificuldades para ler e escrever.



Figura 24: Sebastião distribui seu bolo de aniversário

No dia seguinte ao seu aniversário, 20 de abril, preparamos de surpresa um bolo e comemoramos a vida desse professor que pretende chegar aos 150 anos. No ano passado fui visitá-lo no hospital e soube desse desejo.

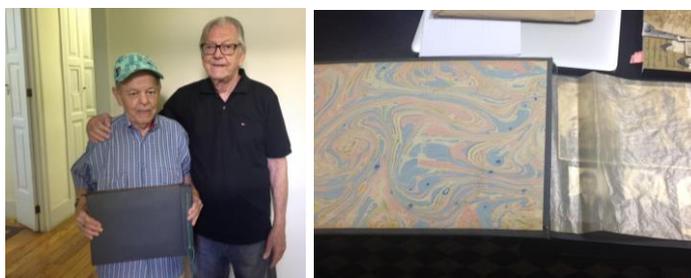


Figura 25: José Vicente, seu álbum, e Sebastião na Biblioteca do INES

Algumas imagens dos professores durante as atividades da pesquisa. Registramos no segundo andar da biblioteca, próximo à sala do NEO e do estúdio. Um detalhe do valioso álbum, feito por José Vicente. O papel colorido por uma técnica de imersão, chamada marmorização, que usamos na capa deste trabalho é obra dele. Do passeio pelo Instituto registrado no tablet (nota-se que capturei a imagem pelo ícone de *play* na foto), na foto a seguir, José Vicente e Sebastião mostram onde ficava o dormitório deles quando eram professores; terceiro andar do prédio principal.



Figura 26: Caminhada pelo Instituto provocando lembranças

No final da caminhada estava o último lugar onde ficavam as Oficinas Profissionalizantes nas quais atuaram como professores. Na primeira imagem vemos o telhado típico das fábricas (canto superior direito da foto). Depois, José Vicente diz o que sente ao ver que onde havia oficinas hoje fica um depósito: triste. A terceira foto assinala o caminho para a sala da Assines, que fica ao lado do depósito.



Figura 27: Sebastião e José Vicente finalizam a caminhada onde eram as Oficinas Profissionalizantes

No dia 05 de maio, comemoro a data real do meu aniversário. Recebi uma mensagem da funcionária da Assines avisando que José Vicente precisava falar comigo. Imaginei que pudesse ser algo sobre a questão que levamos ao advogado da associação e confirmei minha ida no dia 10 de maio. Levei todo o equipamento; corri. E tive uma surpresa e tanto...



Figura 28: Sebastião e José Vicente preparam outra surpresa

### **Outro professor surdo me surpreende, mais uma vez...**

Devo confessar que, ainda neste início de carreira me assombra que em quase todas as monografias dos alunos do DESU-INES seja apresentada sempre a mesma história da educação de surdos. Para fugir deste lugar comum, não pretendia fazer tal abordagem. No entanto, lembrei que era possível fazê-lo sob a ótica de um ilustre professor surdo.

Já havia procurado, mas neste ano consegui encontrar a obra de Berthier que Nascimento (2006) citou. À época, ela referenciou *Les Sourds-muets avant et depuis l'abbé de l'Épée* a partir de Lane, em publicação de 1984, *The deaf experience: classics in language and education*. Nascimento lidou com uma tradução do original francês para o inglês. Com recursos da internet atuais, conseguimos o texto original, publicado em 1840.

Porém, a capa da obra tinha uma grata surpresa! Era incrível o tal Berthier... Acabou tirando o meu sono na madrugada do dia 03 de junho de 2017 porque tive de procurar as pistas que deixou. E encontrei! Foi difícil relaxar e dormir. Precisei escrever o texto abaixo na agenda de trabalho (naquele mesmo dia pesquisei sobre *tempo*):

Memórias, movimentos, espaçotempo como ferramentas para afirmar as potências na surdez... Não se trata de questionar os mitos instituídos na educação de surdos e do INES, tão pouco pretender “revelar” outros. Trata-

se de afirmar o óbvio: que as potências estão ali, não passaram. Não são passíveis à revelação porque elas o são. Porque foram constituídas como resistência, como insistência, vontade de viver. Só encontramos o que qualquer um podia, se já não encontrou.

Desejo, firmemente que esta tese se torne obsoleta. Que em uma década não seja mais preciso defender que pessoas surdas possam assumir e colaborar com a educação e todas as atenções a outros, surdos e ouvintes. De fato, é triste, vergonhoso, vexatório que tenhamos deixado tantas potências “para trás” e de tantas formas. Retomemo-nas, elas não passaram. Permanecem aqui, ao nosso lado, de alguma forma - nas nossas memórias, nos rastros e pistas que deixaram e alimentam nossos movimentos atuais.

Por isso afirmamos, não basta ser surdo para ser professor de surdos. A singularização pode ser provocada por outras diversidades. No entanto, partilhar similitudes pode nos permitir identificar discursos e práticas que tentam subalternizar e solapar diferenças. O risco do grupo-identidade está aí, mas experimentemos atentos. Num dos debates na graduação, um estudante, hoje professor universitário, disse que queria não ser professor só de surdos, sublinhando que isso era muito importante; ele disse que queria ser professor. Outros surdos têm outras expectativas. Serão verdade.

Registrado o que precisava tentei dormir, assustada.

Devemos agradecer ao site Gallica o fato de ter tornado conteúdos como esses disponíveis por meio de reproduções digitais de obras no domínio público a partir das coleções da Biblioteca Nacional da França (Lei n.º 78.753 de 17 de julho 1978). Impressiona-me que, quanto mais eu procuro, mais encontro materiais significativos.

Franquear o acesso às obras nos permitiu compreender que Berthier não foi apenas um professor - como se isso fosse pouco -, nem tão um biógrafo de seus professores - ainda que isso seja relevante -, meramente um ativista entre os seus - se isso não fosse absolutamente necessário -, ou um banqueteiro - ainda que fosse importante essa prática associativa como estratégia política de defesa da mímica. Berthier, seus rastros nos levam a crer, foi um intelectual notável num contexto extremamente adverso.

Precisei escolher algumas estratégias para divulgar os documentos que encontrei.

### **Sobre lidar com a tradução dos textos**

Preferi manter os títulos nas línguas originais para facilitar a pesquisa dessas fontes na internet. Há diferenças na grafia das línguas, em francês e em espanhol e temi intervir e dificultar serem encontradas. Recorri à tradução livre dos textos, utilizando tradutores da internet e meus próprios dicionários. Como são muitos trechos, não coloquei em rodapé os originais, indiquei com cuidado a página para confrontação e questionamento.

Solicitei uma tradução profissional para a Resolução IX presente nas Atas do *Congrès universel pour l'amélioration du sort des aveugles et des sourds-muets* (1879). Priorizei utilizar os termos originais das fontes: surdos-mudos, mímica, língua natural dos surdos, surdo de nascimento, pantomima, entre outros. Tais termos denotam mais que uma maneira de nominar, circunscrevem diferenças de cunho ideológico; além do mais, convém respeitar a autodeclaração.

Constatei que não poderei escapar de uma abordagem “mais alargada” da questão das línguas. A princípio ficaria apenas no que os participantes da pesquisa indicaram, entretanto, Berthier oferece materiais e debates que podem ser relevantes para o campo.

### **As aulas da disciplina interdisciplinar Tópicos Especiais em Ciência e Cultura e(m) Sociedade**

O objetivo da disciplina é oferecer aos alunos da Pós-graduação da UFRJ, de todas as áreas do saber, um novo formato que represente um espaço de convívio, reflexão e debate sobre temas nacionais e universais. A cada sessão buscou-se oferecer diferentes visões e perspectivas sobre cada um dos temas elencados de modo a fomentar nos alunos um pensamento reflexivo. Os professores convidados a palestrar foram desafiados a expor suas ideias para que alunos das diferentes áreas conseguissem acompanhar seus pensamentos e ideias. Segundo informa o programa, a disciplina buscou o encontro da Universidade consigo mesma! Não pude participar de todas as aulas, porém houve diálogos e provocações à pesquisa.

## Das edições da tese - avaliações da banca de qualificação

Estive tensa para este momento porque não tinha noção do que podia acontecer, o que eu deveria apresentar ao certo. Apresentei ao máximo os resultados e por isso a banca observou o tamanho do material. O sumário desta versão ficou assim:

SUMÁRIO			
Prólogo	16	O CONCURSO – QUANDO E COMO	185
DOS PRINCÍPIOS	19	Quem são os professores surdos concursados no INES	195
TRAÇOS INICIAIS DO ESTUDO	21	Que repercussão provocou na comunidade	214
Problema e Objetivos	21	DAS ENTREVISTAS	217
Contexto do Estudo	22	DAS REPERCUSSÕES ENTRE OS ESTUDANTES	232
Justificativa	31	DAS INTERSEÇÕES, DAS LIÇÕES E DAS DÚVIDAS	234
REFERÊNCIAS PRELIMINARES	38	DAS INTERSEÇÕES	235
Referências teóricas	39	Das línguas na subjetividade	235
Referências metodológicas e procedimentos	43	Expectativas e condições de vida dos surdos	235
DIÁRIO DE PESQUISA - ou Narrativas com e na Pesquisa	49	Das controvérsias, desacordos e condições de trabalho	236
DAS HISTÓRIAS - diferentes narrativas e versões sobre tempo e educação de surdos	94	Da atuação de professores surdos na educação de pessoas surdas	236
DOS TEMPOS E DAS DURAÇÕES	95	DAS LIÇÕES	237
HISTÓRIAS DA E NA EDUCAÇÃO DE SURDOS	107	Sobre pesquisar	237
Sr. Prof. Ferdinand Berthier- Surdo-Mudo	122	História é uma obra coletiva e aberta	238
Debate sobre Línguas: do que não estão no passado	130	De um duplo <u>desreconhecimento</u>	238
DOS PROFESSORES SURDOS APOSENTADOS DO INES	135	Dilemas e questões que não ficaram no passado	239
DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA a partir da narrativa dos professores surdos aposentados	137	Da percepção que envolve as conquistas das minorias	239
PROFESSOR SEBASTIÃO ORLANDI	139	O INES é a Casa dos Surdos	239
Acervo pessoal	151	DAS DÚVIDAS	244
PROFESSOR JOSÉ VICENTE DE CAMPOS	154	DOS DESFECHOS – E DAS NOVAS QUESTÕES	248
Acervo pessoal	164	REFERÊNCIAS	252
Relatórios de atividades anuais	165	APÊNDICES	263
ACERVO DO PROFESSOR NARCISO EMANUEL DE OLIVEIRA PAIVA	172	ANEXO	269
DOS PREPARATIVOS DE UM FILME	179		
ENTÃO, QUE OUTRAS HISTÓRIAS DO INES TEMOS?	180		
DOS NOVOS PROFESSORES SURDOS DO INES	183		

Figura 29: Sumário proposto para a Tese apresentado na Qualificação

Tive muitas dúvidas sobre onde colocar o Diário. Mas pareceu melhor colocar antes da tese em si. O que incomodava um pouco era a antecipação de resultados e procedimentos. Estava animada com o Diário, mas foi um banho de água fria, visto do meu desejo de falar da pesquisa. Mas, foi também um banho de realidade se olharmos pelo âmbito do objeto da pesquisa. Foi comentado como um conteúdo muito informal, que postergava o conteúdo principal. Foi-me sugerido colocar em anexo, ou organizar como artigo e publicar.

Entre os aspectos conceituais, alertaram-me que há uma diferença entre interpretação e experimentação, conceito de Espinoza que Adriana Machado abordou no seminário de Santo Antônio de Pádua que eu relacionava com o diário. Como eu não tinha como me dedicar a este estudo, decidi suprimir o conceito de experimentação do texto. Observaram que havia pouca ou nenhuma citação ao GPeSS. Mas, isso se deve ao fato que no grupo apenas eu e Celeste temos

abordado professores surdos. A maior parte dos nossos trabalhos debate a atenção aos alunos surdos e a formação e atuação de professores de surdos. Todavia, vou atentar ao que Ivenicki denomina generalização naturalística e tentar articular os resultados do estudo de caso com a educação de surdos em geral. Celeste e as demais professoras da banca indicaram retirar o Bergson e trabalhar apenas com a narrativa. Preciso avaliar porque a questão do tempo e da temporalidade pode ser mais um reforço à importância da narrativa, ao menos foi isso que me instigou: o ser no tempo.

### **Afirmção da importância de estarmos abertos e atentos (V seminário, livros não ligados ao tema)**

O último ano do doutorado foi bem difícil pela necessidade de exercitar a disciplina. Atentei para o cronograma e foi preciso começar o quanto antes. Concentrei as energias na finalização da tese abraçando apenas a continuidade da participação na comissão organizadora do V Seminário Educação Medicalizada. Procurei continuar lendo, nos poucos horários vagos, temas diferentes da educação de surdos. Duas fontes trouxeram inspirações interessantes, a biografia da atriz Ruth Rocha, *Uma estrela negra no teatro brasileiro: relações raciais e de gênero nas memórias de Ruth Souza (1945-1952)*, de Silva (2017), *O livro que ninguém leu: Em busca das Revoluções de Nicolau Copérnico*, de Gingerich (2004) e *A dominação Ocidental na Ásia: do século XV aos nossos dias*, de Panikkar (1965).



Figura 30: Livros de outros temas que instigaram durante a pesquisa

As aproximações entre Silva (2017) e a pesquisa são quase óbvias, se eu acreditasse nisso; são evidentes. Ele fala em memória, em biografia, vivências

coletivas como individuais, entre outros. Cita autores bem interessantes, mas não pude ir buscar. Não tinha mais tempo para avaliar o diálogo das referências, se caberia no ancoramento com a Psicologia Histórico-cultural. Não podia arriscar outro problema como interpretação-experimentação. Mas, muitas questões levantadas pelo pesquisador provocaram rebuliço nas minhas pupilas.

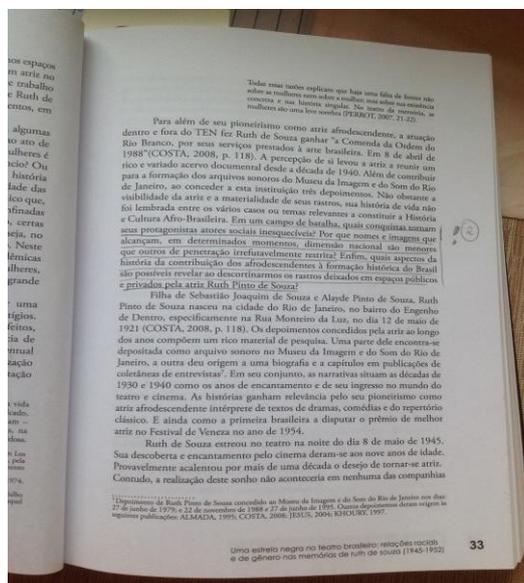


Figura 31: Foto-citação do livro sobre a atriz Ruth Rocha

A primeira questão é sobre a invisibilidade dos surdos, das suas conquistas, dos professores surdos. Nome e imagens que vi nos acervos não costumam aparecer na comunidade; ou eu mesma não via. E os *rastros*... Silva (2017) usamos esse mesmo termo. Temos como autor comum Alistair Thomson, ainda quem em fontes diferentes. Ele cita Burke, *Testemunha ocular* e *A escrita da história*, Le Goff, Bourdieu, Pollak em duas fontes interessantes, mas que não consegui alcançar. Muito instigante a pesquisa que levou a esta tese.

O segundo livro pode parecer menos relacionado, no entanto, enquanto o autor descreve o pesquisador Copérnico e ele próprio buscando as edições do livro *Revoluções*, reforçou o que entendo como compreensão interdisciplinar da(s) realidade(s), se assim genericamente posso me referir a tudo o que existe e nos interpela a refletir, indagar... Descreve um Copérnico unificador, numa tradição ptolomaica de planetas como entidades separadas, que hesitava, tinha medo de que suas conclusões o levassem à perseguição (p. 175, 176, 177). Copérnico apareceu como um pesquisador um pouco diferente; hesitou assim como os pesquisadores que desenvolveram a Teoria da Relatividade. Ele sublinha a estratégia de Galileu para

permitir a leitura dos trechos proibidos (p. 187) e eu logo pensei nas estratégias furtivas dos surdos e ouvintes no Instituto. O autor mostra como Copérnico foi menos ele que Kepler; ou seja, Kepler foi quem copernicou de fato (p. 213). Toda árdua busca de Gingerich pelos exemplares do raro livro de Copérnico me inspirou a continuar a procurar as raras fontes da educação de surdos. E como na atualidade a digitalização de documentos e livros facilita nosso trabalho! Pude ler livros antiquíssimos, ter acesso a artigos de outras bibliotecas sem precisar me deslocar; ao contrário dele.

Na terceira fonte, cujo original foi publicado em 1953, pelo indiano, diplomata, professor, editor de jornal, historiador e romancista Kavalam Madhava Panikkar. Talvez o termo do título *Dominação* tenha sido o que me chamou a atenção. Eu amo pesquisas e abordagens históricas, mas a última frase da Introdução foi o estopim para eu me dedicar à leitura e ver na mesma algo em comum com a pesquisa.

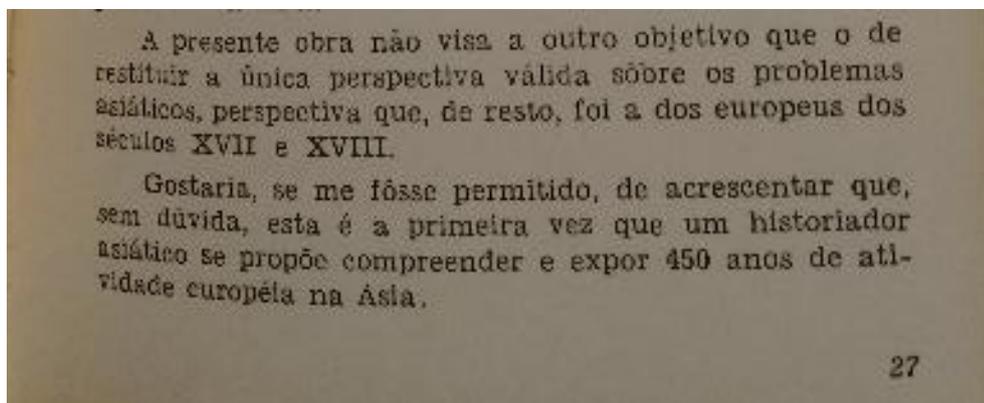


Figura 32: Foto citação de Panikkar sobre ser ele pesquisador da Ásia e asiático

O que o indiano conta sobre os europeus no Oriente são versões que interpelam a história oficial. Nas narrativas dos surdos, de todos os tempos, são os surdos falando deles mesmos.

Quer sobre invisibilidade, busca de *rastros* e documentos, sobre receio à recepção das ideias, busca de uma narrativa que não esconde as diferentes correlações de forças, encontrei muita coisa em comum. Estímulos inesperados. Encontrei ainda duas outras fontes interessantes sobre as pesquisas narrativas envolvendo minorias, uma sobre 25ª Dinastia do Antigo Egito, na qual afiançam que antropólogos omitiram essa dinastia destacada por ser composta por núbios, também chamada de faraós negro. O outro é o livro do homem escravizado negro, Mahommah Gardo Baquaqua. Ele escreveu sua biografia. Preciso ler!

<http://www.baquaqua.com.br/videos>

Por outro lado, esperava que o V Seminário reverberasse, sim, na pesquisa. E foi incrível. Refletimos sobre as nossas existências, resistências. Com muita potência e encarando diversidades, especialmente financeiras, levantamos o seminário.

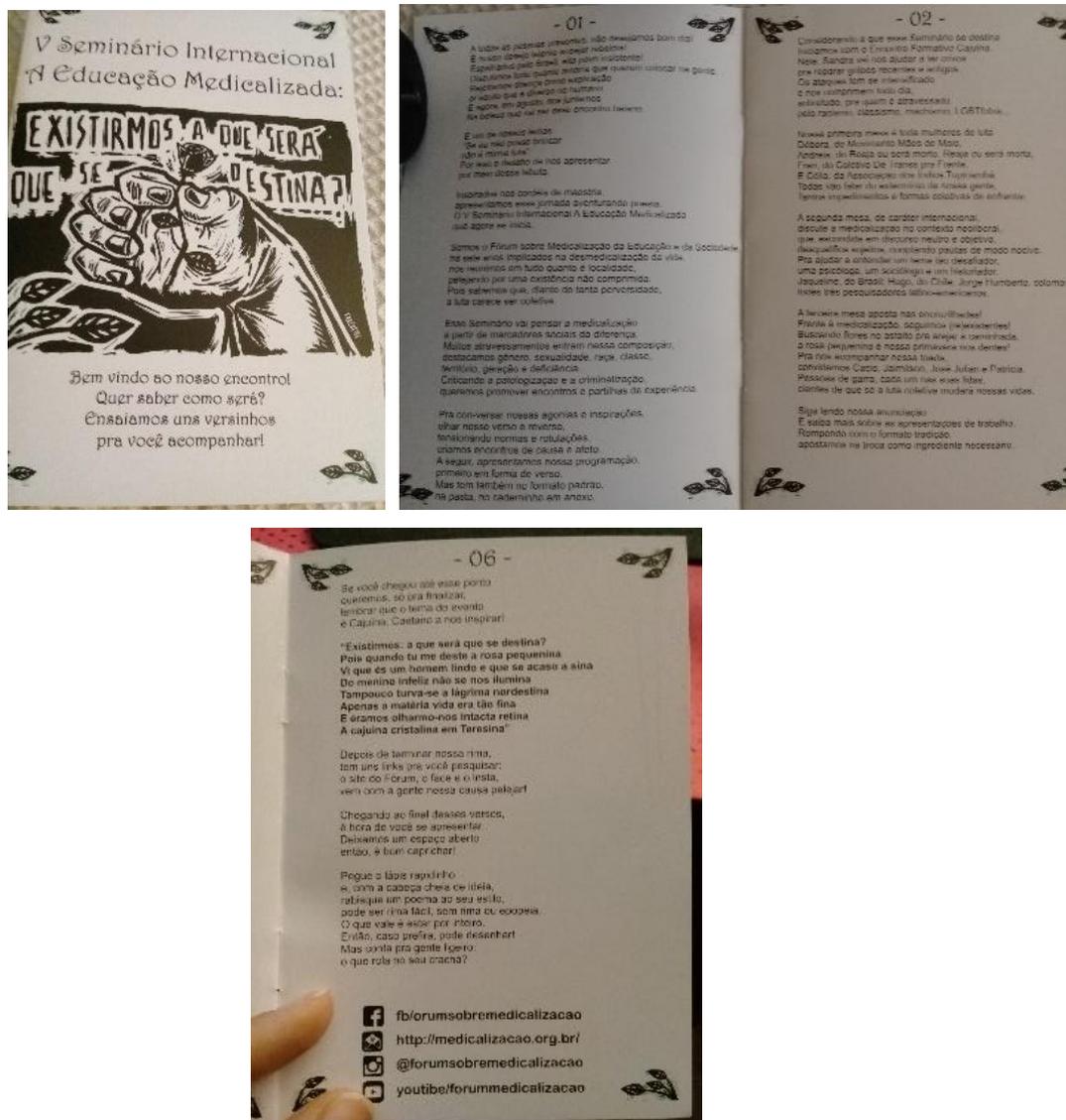
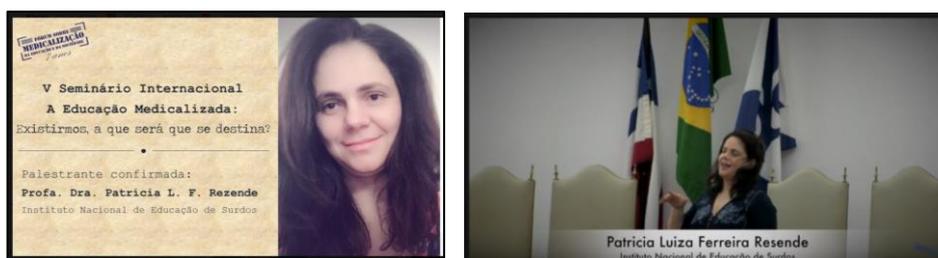
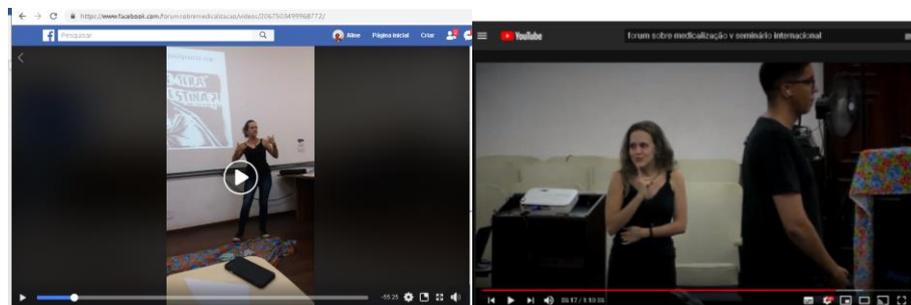


Figura 33: V Seminário Educação Medicalizada “Existirmos, a que será que se destina?”

As intervenções de minha amiga e colega Patrícia Rezende e de Bianca Ribeiro Pontin, Professora de Libras da UFRGS, doutoranda em Educação foram marcantes. Relacionaram-se diretamente com o que pretendo debater sobre movimentos surdos em diálogo com os demais movimentos de minorias.



Palestra de Patrícia Rezende: <https://youtu.be/DpP0-vqZbKs>



Bianca Pontin fala sobre sofrimento na academia<sup>9</sup> e comenta a falta de acesso dos surdos ao pleito dos outros movimentos sociais<sup>10</sup>

Figura 34: Participação de Patrícia Rezende e de Bianca Pontin no V Seminário Educação Medicalizada (2018)

## Do diálogo com as contribuições dos trabalhos dos colegas do INES

Rarearam oportunidades coletivas de pensar a pesquisa e temas na educação de surdos. Antes de ir ao Congresso do INES de 2018, retornei teses e trabalhos de colegas do Instituto que me ajudam debater os resultados da pesquisa.

Um trabalho complementa o seguinte. A perspectiva que vislumbro é que num futuro próximo, outros colegas possam ir além do que eu consegui. Espero que os professores surdos busquem os *rastros* desses professores.

Foi bom chegar no COINES e ver outras apresentações das minhas referências.

## Escarafunchar bancos de dados e bibliotecas - Salvaguarda do surdo-mudo brasileiro

Estava pesquisando sobre os projetos de curso normal que seriam oferecidos pelo INES desde Tobias Leite, no século XIX, e precisei voltar ao livro da Lilia Lobo. Ela e um pesquisador surdo, Cunha Junior (2015) citaram o Deputado Cornélio França

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/forumsobmedicalizacao/videos/2067503499968772/> (6:02 a 8:38)

<sup>10</sup> Disponível em: <https://youtu.be/DpP0-vqZbKs> (58:03 a 1:00:49)

como o primeiro registro que aponta para a oferta de educação para surdos. Encontrei na internet a ata de uma sessão legislativa e coloquei.

Daí a Lilia citou uma publicação da época de Tobias Leite que ela descreveu como uma caderneta. Eu quase tive um ataque. Talvez fosse o material que o Professor Narciso Paiva guardou e Solange está pesquisando. Procurei na internet e nada encontrei. Entrei em contato com ela porque o material está nas referências.

Lilia explicou que quando fez a pesquisa dela, a Biblioteca Nacional estava organizando o acervo. Havia muitos estagiários e era confuso consultar. Como ela fez uma pesquisa profunda, acabou conseguindo que a biblioteca separasse o que ela estava usando. Pedi ajuda à bibliotecária e nada. Fui aos setores específicos e nada encontrei. Foi incrível encontrar um dos originais do livro de Flausino e um dos livros de Tobias Leite. Encontrei o edital de concurso para os interessados no Curso Normal do Instituto, mas nada da caderneta.

Voltei a telefonar para Lilia que foi buscar as fichas das suas fontes. Ela fazia fichamento e anotou o número de chamada das obras. Isso é muito, uau! O quanto se levava isso a sério. Eu fazia, mas parei porque a maioria das fontes são livros meus ou que estão na internet. Com esses números em mãos voltei à biblioteca e fiquei PASMA! Encontrei. Não é o mesmo que Narciso Paiva guardou, mas é incrível. Na verdade, tem uma relação com o de Narciso sim. É um lindo material de 1876 que estava em Obras Gerais! Orientei a bibliotecária que a transfira para o setor de Obras Raras. Nele temos uma ferramenta de comunicação entre alunos do Instituto e pessoas da sociedade em geral. Tive autorização de fotografar.



Figura 35: Foto da capa do Salvaguada do surdo-mudo brasileiro

Retomei a Parte I sobre Ferdinand Berthier. Celeste esteve no Instituto de Paris e conseguiu consultar um livro sobre os professores surdos, de A. Cantin & Y. Cantin (2017), o *Dictionnaire biographique des grands sourds en France: Les silencieux de France, 1450-1920*. Dados muito importantes que ajudaram a compreender como Berthier foi nomeado para colaborar com o IHGB. Aproveitei e fui pesquisar sobre Ramirez de Carrion e encontrei novas pesquisas e livros antigos. Resumi ao máximo para a tese, mas retornarei depois, o importante para o momento é partilhar que os cânones da educação de surdos estão sendo revistos.

### **Organização da tese e escolhas difíceis**

O tamanho da tese preocupa, então revi e retirei o que mais pudesse. Mesmo após a retirada deste Diário e da edição da abordagem sobre temporalidade, avaliei que poderia retirar da Parte III *Lições sobre pesquisar*. Tendo optado pela devolução do máximo de resultados da pesquisa possível, não faria sentido investir em conteúdos que diziam mais respeito à experiência da pesquisa.

Após o levantamento bibliográfico e a demonstração de que houve uma época na qual professores surdos também educavam surdos, sobretudo representado na figura de Ferdinand Berthier, bem como o entendimento sobre a percepção da atuação dos professores das Oficinas Profissionalizantes, delineei as *Interseções* entre os resultados dos diferentes tempos. Ficaram algumas *Dúvidas* sobre temas na educação de surdos em geral. O trecho que teve de ser retirado, o qual recuperava uma reflexão importante provocada pela Disciplina do FCC que já tinha migrado para este diário, foi o seguinte:

Nossas convicções podem ser desestabilizadas diante do novo. Em novos agora a releitura e/ou a rememoração das atividades da pesquisa e seus resultados podem provocar outras interpretações, porém, na atualidade desta escrita extraímos *Lições: sobre pesquisar*:

#### **Sobre pesquisar**

Desde a graduação interessava-nos compreender a realidade de forma transdisciplinar. Aprofundamos tal convicção no Mestrado e nesta formação. Na Sessão 15 da Disciplina Tópicos Especiais em Ciência e Cultura e(m) Sociedade,

intitulada *Uma Reflexão Sobre o Futuro da Universidade e a Universidade do Futuro: a Universidade que Queremos, a Universidade que o Brasil Precisa*, Professor Roberto Leher, da Faculdade de Educação e Reitor da UFRJ, argumentou acerca da Função Social: que esta não é definida intramuros; que a universidade cumpre funções estratégicas na sociedade; e, precisa antecipar cenários, interagindo com os problemas dos povos (água, alimentos, culturas, entre outros).

Sublinhamos a segunda função porque dialoga frontalmente com a perspectiva multi/intercultural. O professor afirmou que a universidade é uma instituição estratégica, por isso, existe a necessidade de pensar sobre o que estamos fazendo e como estamos interagindo nos processos de aprendizagem. Estes extravasam as relações professor-aluno e a perspectiva disciplinar, pois, na formação e na docência temos o desafio de ampliar as interações e a formação cultural, afastando-nos da limitação à dimensão técnico-científica instrumental. A interdisciplinaridade pensada é aquela atenta ao risco epistemológico de romper os campos disciplinares; e não se trata de causar a diluição da qualidade acadêmica (Leher, 2017).

A universidade também é o lugar da síntese, de organização do estado da arte intelectual que tem sido desprezada na racionalidade do produtivismo. Leher (2017), defendeu que, como parte da estratégia estaria a mudança da hierarquia nas universidades nas quais os estudantes precisam de mais autonomia para produzir conhecimento, numa pedagogia cooperativa, referenciada na igualdade, primeira função clássica da universidade. Trata-se de compreender que, no século XXI, a produção do conhecimento não pode se dar de forma desvinculada da vida.

De maneira modesta tentamos viver a pesquisa com essas inspirações. Na verdade, começamos a pesquisa e depois fomos provocados a cotejar com essas ideias.

Estive entusiasmada com o início das atividades de campo e atinei sobre narrar essas vivências na e da pesquisa. Assim, foi iniciado um Diário de Pesquisa. Tudo o que pudesse enriquecer o processo foi sendo registrado. Até chegar um momento em que o volume de dados cresceu. Era preciso editar, dando preferência às narrativas e rastros dos surdos de diferentes tempos. Por isso, o Diário é um conteúdo complementar à tese.

Com relação aos procedimentos, ficou patente a importância de buscar comunicação diretamente com os participantes da pesquisa, usando todos os recursos necessários. No caso de um dos professores surdos aposentados usamos

comunicação multimodal, Libras, ainda que na estrutura da primeira língua da pesquisadora, e Português escrito.

Os resultados foram indicando que alguns objetivos específicos estavam superados, e que o objetivo geral permanecia relevante. Foi preciso aprofundar alguns conhecimentos sobre dados produzidos, do que era lembrado. Alguns resultados conduziam a outros, mostrando-nos novos caminhos, procedimentos e interpretações. Procuramos indicar tais caminhos para que outros pesquisadores, em tempo oportuno, avaliem seu interesse.

Buscamos adotar uma postura autocrítica durante a pesquisa. Procuramos identificar aliados ou manter atenção às concepções diferentes das nossas. Será que tais concepções não oferecem questões relevantes?

O imprevisto se revelou como uma oportunidade para encontrar o que não havíamos pensado. Por exemplo, nossa pretensão inicial era realizar um grupo focal com os professores. Devido a uma mobilização dos servidores do Instituto, entrevistamos individualmente os professores de Libras. Mantivemos a proposta quando da entrevista narrativa dos alunos, mas impasses no agendamento impediram novamente. Entretanto, foi possível entrevistar juntos dois graduados do INES. Estava diante de dois surdos pedagogos fluentes em língua de sinais. No momento da entrevista conseguia compreender e interagir. No entanto, experimentei uma grande dificuldade na tradução do material. Portanto, avalio que o grupo focal multiplicaria esse meu embaraço. Em outros termos, sozinhos comigo, os colegas avaliaram a minha fluência e facilitaram nossa comunicação; generosidade e modéstia as quais somos gratas. Na interação entre eles a língua seguia seu fluxo e eu precisei pesquisar mais para compreender alguns trechos; alguns nem podia usar, mas precisava traduzir mesmo assim para não comprometer a coesão do discurso.

Acreditamos que a disposição para manter uma atenção flutuante durante as vivências enquanto pesquisamos oferece ao pesquisador a capacidade de encontrar respostas e/ou novas questões na produção de conhecimentos. Às vezes, a provocação vem de onde menos imaginamos. Assim foi na Arte de Abraham Palatnik, no grupo de cientistas do círculo de Albert Einstein, Mia Couto para Renato Luz estudando *Cenas surdas*, como assinalamos no Diário de Pesquisa.

## Desfechos

Eu escrevi a tese toda em partes separadas. Salvava no HD externo, no computador e numa das minhas contas na internet. Atualizando as versões. Mesmo ao levantar para me alimentar eu salvava e refazia todo o procedimento. Ter perdido o computador e quase a dissertação no final do mestrado gerou essa precaução.

Quando juntei todas as partes constatei que realmente tinha ficado grande, em termos de número de páginas e contando com os anexos os quais são o resultado da pesquisa na Hemeroteca. Como já esperava, o cronograma de trabalho previa entregar a tese no início de dezembro e defender no início de março. Dezembro é um mês de finalização de semestre, então não queria ocupar o tempo de Celeste com a orientação. A isso chamamos desejo. Na realidade, dezembro de 2018 foi tenso.

Pedro ficou em recuperação trimestral em Matemática, ficou em dois dos trimestres, corria o risco de entrar para a recuperação anual. Na mesma semana em que seria meu prazo para imprimir e entregar a tese, aguardava os resultados dele. Na segunda-feira, 17, veio a primeira notícia positiva. Pedro foi aprovado no semestre e não precisou retornar à escola. Foi uma sensação incrível, como se tivesse tirado um enorme peso dos meus ombros. Nem saberia como ajudá-lo.

Trabalhava a cada minuto possível no computador. Em um dia precisei tomar analgésico. Não tinha como ir à academia e deixar de trabalhar na tese, então, agravava o problema. Ir ao médico não adiantaria. Tratar como e em que tempo?

Outra notícia incrível, a Revista Brasileira de História da Educação deu parecer favorável ao artigo sobre Berthier. Será publicado no segundo trimestre. Demorou tanto tempo que a versão da tese estará mais atualizada, mas será conhecido antes da tese. Que mais pessoas saibam sobre Berthier e os demais professores surdos e as narrativas dos surdos. E como foi difícil encontrar uma epígrafe! Daí lembrei da canção de Gonzaguinha que colocamos no V Seminário do Fórum. Coube perfeito!

Dia 19 de dezembro, enfim, enviei a tese para a copiadora no meu bairro. Não pesquisei preços. Já tinha ido lá. O Professor José Claudio Sooma está em São Paulo e pediu a cópia dele em PDF, o que me ajudou muito. Foi outra sensação incrível, enfim, terminar essa etapa. A revisão final será a finalização real, mas esta representa 80% do trabalho.

Para fevereiro terei de me dedicar ao filme com o depoimento dos professores aposentados. Não foi possível fazer para esta versão para a banca. Espero poder apresentar no dia da defesa.

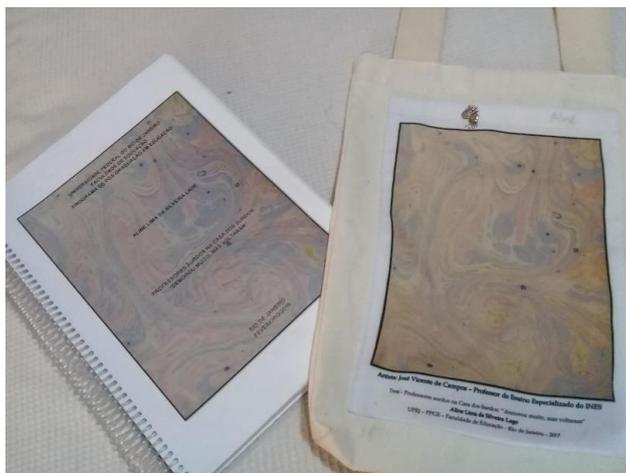


Figura 36: Foto da tese e do porta-livro com a arte do Professor José Vicente

Encomendei um porta-livro para entregar a tese para a Banca Avaliadora e para tradutores na defesa e outras pessoas que ajudaram muito durante a pesquisa.



DEFESA DE TESE – turma 2015		SECRETARIA DE ENSINO DA PÓS-GRADUAÇÃO		
Doutorando(a):	Data da defesa:	Horário:	Local:	
<b>Aline Lima da Silveira Lage</b>	<b>6ª feira</b>	<b>22/02/2019</b>	<b>14h</b>	<b>Audatório do CFCB</b>
Título da Tese:				
<b>PROFESSORES SURDOS NA CASA DOS SURDOS: "DEMOROU MUITO, MAS VOLTARAM"</b>				
Banca Examinadora:		Instituição de origem:		
<b>Celeste Azulay Kelman (Orientadora)</b>		<b>UFRJ</b>		
<b>Ana Ivenicki</b>		<b>UFRJ</b>		
<b>José Claudio Sooma Silva</b>		<b>UFRJ</b>		
<b>Katia Faria de Aguiar</b>		<b>UFF</b>		
<b>Flaviane Reis</b>		<b>UFU</b>		
<b>Maria Judith Supupira da Costa Lins (Suplente)</b>		<b>UFRJ</b>		
<b>Marcia Oliveira Moraes (suplente)</b>		<b>UFF</b>		
Resumo da Tese:				
<p>Nesta tese buscamos investigar como ocorreu o ingresso dos professores surdos no quadro efetivo de servidores públicos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e compreender como ocorreu a sua inserção como pessoas surdas. Os objetivos específicos foram: compreender as narrativas dos professores surdos do INES nas quais os mesmos analisaram o seu ingresso no quadro de servidores efetivos; analisar as narrativas de alunos do Colégio de Aplicação (CAp/INES) e de alunos surdos do Departamento de Ensino Superior do INES (DESU), para compreender os prováveis impactos que o ingresso dos professores surdos causou na comunidade acadêmica; investigar a introdução da Libras nos currículos da Educação Básica e Superior do INES; investigar a memória dos encaminhamentos administrativos realizados entre a introdução da Libras nos currículos da Educação Básica e Superior oferecidos pelo INES e o ingresso dos professores surdos no quadro efetivo de servidores. A pesquisa, de cunho qualitativo, está delimitada como estudo de caso e fundamentada na Psicologia Histórico-Cultural. Nossa concepção de narrativa se baseia em Benjamin (1987), Cunha (1997), Joutard (2000), Thomsson (2000), Vilanova (2000), Bruner (2001) e Grohs (2015). Foram adotados como instrumentos, entrevista narrativa (BAUER &amp; GASKELL, 2002), levantamentos bibliográfico e documental e abordagem de cunho etnográfico (KOZINETS, 1998; PERLIN &amp; SOUZA, 2015). Apresentamos a versão da História da Educação de Surdos narrada, no século XIX, por Ferdinand Berthier, professor surdo do Instituto de Surdos-Mudos de Paris. Entrevistamos dois professores surdos aposentados do INES e apresentamos seus acervos e documentos, gentilmente compartilhados. Descrevemos o Concurso Público n.º 09/2012, o perfil dos professores surdos de Libras e apresentamos os resultados das entrevistas com quatro desses professores. Entrevistamos ainda dois alunos do CAp/INES e três alunos surdos do DESU. Aproximamos os resultados e as narrativas dos professores do INES e do professor francês, interpretando as Interseções, Lições e Duvidas. Indagamos como o INES pode ser cada vez mais Casa dos Surdos e, ao mesmo tempo, casa comum, conforme conceituado por Nóvoa (2017).</p>				
Palavras-Chave: Professores surdos; INES; Narrativas; Ferdinand Berthier; Duração.				



Universidade de  
 Educação - UFRJ  
**Secretaria do PPGC**  
 Campus Praia Vermelha  
 Av. Pasteur, 250 - sala 205 - Urca  
 CEP: 22.290-140 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil  
 www.educacao.ufrj.br  
 Tele-fax: (0xx21) 2595-4047

Figura 37: Cartaz com divulgação da defesa da tese

## **Organizar a apresentação - a importância do distanciamento (identificação de erros)**

Terrível organizar a apresentação da tese. Percorrendo o texto encontrei uns três problemas. O mais angustiante é que passado um tempo de contato com o trabalho é que se torna possível perceber o que os olhos não viam.

Eu não estava propriamente lendo, mas para construir a síntese, estava procurando as palavras-chave, frases, referências e imagens. E lá vinha um *dda*, e o que mais me deixou aflita, um PAREI AQUI. Eu quase enlouqueci. Achei melhor fechar o arquivo e trabalhar em versões antigas.

Fiz o melhor que pude, ao menos este é meu alento, mas eu não queria ter de passar por esse tipo de erro, parece descuido.

Este diário é sobre a pesquisa e a escrita da tese. Não sei se voltarei após a defesa. Tem sido, foi, uma experiência fantástica. Tentei o meu melhor, dei tudo de mim possível. Sorvi ao máximo o que pude. Estive empenhada e empolgada. Desejo retomar o que aprendi, entendi e ainda tenho de entender. Para além de divulgar, há outras questões a pesquisar.

Devolvo aos surdos, aos meus colegas, o máximo que pude. Para que outros continuem de onde parei. Tendo aceitado o bastão daqueles que me antecederam.

## **Defesa da tese**

Bem, precisei voltar. O dia da apresentação e defesa da tese foi muito especial. Tudo deu certo. Com a ajuda do colega, Professor Alexandre Rosado, consegui fazer uma edição preliminar do depoimento de Sebastião, José Vicente e Lilia Lobo. Escolhi focar os trechos em que narram o ingresso como alunos e professores e depois o reconhecimento na carreira.

Embora não apague as emoções que o dever cumprido proporciona, o momento pelo qual passava o INES causou preocupação. Da lista tríplice com o resultado da consulta interna para a escolha da nova gestão para o Instituto, o MEC, na composição do atual governo federal, nomeou o candidato que foi o segundo mais votado. Compreendemos tal atitude como uma intervenção à escolha da comunidade que deveria ser soberana. Faz muito tempo que nós, profissionais da educação, lutamos pela gestão democrática na educação pública.

Em 05 de fevereiro, houve uma assembleia da Assines na qual debatemos a questão. As cisões, tensões entre surdos e ouvintes se intensificaram. O candidato nomeado - apesar de ter firmado um compromisso público de aceitar ser nomeado caso não vencesse - portanto, novo diretor, é uma pessoa surda. Colegas do CAp/INES afirmaram que os alunos não estavam entendendo as críticas da Assines e de grande parte dos servidores e por isso, na Assembleia, manifestaram sua satisfação em ter um diretor surdo. Teremos de aguardar para avaliar os impactos sobre a comunidade acadêmica. Mantenho o que afirmamos na tese: nosso desafio é compreender a Casa dos Surdos e construir a Casa Comum.

Para o dia da defesa, organizei o lanche, fiz minhas orações. Cheguei cedo no campus com Pedro, Vânia e Andressa Gusmão, mãe e filha, minhas primas que me ajudaram a preparar a sala e o lanche. As pessoas foram chegando. Celeste aceitou meu pedido e me concedeu 30min para apresentar a tese e 13min para apresentar o vídeo, mas eu excedi, **muito** este tempo. Ainda assim, os presentes foram generosos.

Laura Jane Messias Belém, Mariana Gonçalves Ferreira de Castro, Renata dos Santos Costa e Leonardo Barros garantiram nosso diálogo na Defesa. Convidamos a Professora Flaviane Reis, surda, pesquisadora do tema professores surdos, mas a UFRJ não tinha profissionais em número suficiente para garantir sua atuação. Leonardo é servidor da UFRJ, mas sem a ajuda das minhas colegas e amigas, teria sido muito difícil seguir os trabalhos. Provavelmente, foi a primeira professora surda a compor uma banca de doutorado na Faculdade de Educação da UFRJ, que, a partir deste ano, terá a primeira doutoranda, a Professora Mônica Astuto Lopes Martins.

Minha família compareceu, colegas do INES e do GEPeSS - ou ambos, rs -, amigos e amigos de amigos. Foi um clima muito bom porque os presentes, generosamente, estiveram atentos ao que tinha de devolver. Depois, fizemos uma pequena confraternização no shopping ao lado do campus. Foi uma sensação incrível receber tamanho apoio. A tese foi aprovada!

Não precisei alterar muitas coisas, apenas pequenas adequações. Me dediquei à edição do vídeo sobre os professores e do resumo de Libras, além deste diário.

Então, quero encerrar com as fotos da defesa e do campus. Passou, mas durará por toda a minha existência. Para a universidade pode ter sido apenas uma tese a mais. Para a minha família, foi muito mais.



Mamãe e eu





## Referências<sup>11</sup>

BRECHT, B. *Diário de Trabalho: 1938-1941*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. V.1

BRECHT, B. *Teatro completo, em 12 volumes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra (Teatro Completo Volume 4).

COUTO, M. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CUNHA JUNIOR, E.P. da. *O embate em torno das Políticas Educacionais para Surdos: Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

BAQUEIRO, R.V.A. Empoderamento: Instrumento de emancipação social? – Uma discussão conceitual. *Revista Debates*, Porto Alegre, v.6, n.1, p.173-187, jan./abr. 2012.

KAUFFMAN, N. Mesa A Deficiência em Questão: sobre experiências do não ver e mediação escolar não medicalizante. *Seminário Psicologia e Interfaces na Despatologização da Educação*. UFF, Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Santo Antônio de Pádua, 03 a 05 de outubro 2016.

LEHER, R. Função Social da Universidade. Sessão 15 - Uma Reflexão Sobre o Futuro da Universidade e a Universidade do Futuro: a Universidade que Queremos, a Universidade que o Brasil Precisa. *Tópicos Especiais em Ciência e Cultura e(m) Sociedade* - Fórum de Ciência e Cultura-UFRJ. Colégio Brasileiro de Altos Estudos, Rio de Janeiro, 26 junho 2017.

LOUZADA, R.C.R. *Formação do pesquisador, trabalho científico e saúde mental*. 2005. 169 f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

LOUZADA-LUIS, R.D.C.R.; ALVES, A. *Sofrimento e Processo de Formação de Pesquisadores: uma experiência brasileira*. Disponível em: <https://goo.gl/7YXnKk>. Acesso em 11 mar 2017.

MACHADO, A.M. A patologização dos processos educativos no cotidiano de serviços de saúde e escolas. *Seminário Psicologia e Interfaces na Despatologização da Educação*. UFF, Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Santo Antônio de Pádua, 03 a 05 de outubro 2016.

SILVA, J.C. da. *Uma estrela negra no teatro brasileiro: relações raciais e de gênero nas memórias de Ruth Souza (1945-1952)*. Manaus: UEA Edições, 2017.

---

<sup>11</sup> Referências de “Provocações dos estudos sobre o Tempo - Dos Tempos e Das Durações”, na tese.